

*EQM - Prova da
Sobrevivência da Alma*



Paulo Neto

EQM - Prova da Sobrevivência da Alma

(Versão 6)

“Para saber se a alma sobrevive ao corpo, é necessário saber primeiro se ela existe, independentemente do organismo físico.”
(CAMILLE FLAMMARION)

“O fato da ciência não poder medir a alma em laboratório não significa que ela não exista.” (Dr. MELVIN MORSE)

“[...] dever-se-á discutir o conceito até agora pressuposto, mas nunca provado cientificamente, de que a consciência e as memórias estão localizadas no cérebro. [...]” (PIM VAN LOMMEL)

Paulo Neto

Copyright 2022 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/16/Hieronymus_Bosch_013.jpg/330px-Hieronymus_Bosch_013.jpg ⁽¹⁾

Revisão:

Artur Felipe Ferreira

Augusto César Silva Santos

Hugo Alvarenga Novaes

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2022.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	7
Por que “prova” e não “evidência”?.....	9
EQM?! O que é isso?.....	13
Eletrencefalograma.....	25
Interessantes casos de EQMs relatados por pesquisadores.....	32
Um morto relata sua EQM.....	62
EQMs em crianças e em cegos.....	72
Uma EQM na “própria pele”.....	84
Os pesquisadores.....	90
Nem tudo são flores.....	99
Na Codificação.....	107
Conclusão.....	127
Referência bibliográfica.....	132
Dados biográficos do autor.....	141

Prefácio

O autor desta obra literária, Paulo da Silva Neto Sobrinho, continua sendo um daqueles semeadores das fecundas sementes do evangelho, assim o fazendo sempre à luz da Doutrina Espírita.

Para muitos de nós, realizar trabalhos de pesquisa e divulgação significa concentrar-se em esforço pessoal imensurável, que nos remete às íngremes ladeiras do sacrifício, mas, para ele, Paulo Neto, a experiência nos tem demonstrado que assim o faz com radiante alegria e entusiasmo, a partir de uma motivação ardente e intrínseca à sua alma.

A linguagem utilizada, como sempre, é moderada, objetiva, bem ilustrada, destemida e esclarecedora, sendo forte a sua aptidão de pacificar e consolar o leitor. Além disso, os temas são tratados de uma forma especial, instigando o leitor a buscar sempre a próxima página, o próximo capítulo, como alguém sedento que busca a água refrescante, e efetivamente a encontra.

As experiências de quase morte são tão antigas na humanidade como a própria vida e, se desde os tempos antigos tudo ainda era muito nebuloso nessa seara, o assunto ainda hoje se apresenta um tanto quanto desafiador, posto que ainda traz, de alguma forma, uma conotação mística, sobrenatural e enigmática, a par dos avanços científicos que já se esboçam.

É preciso ter coragem. Não é tão simples tratar desse tipo de tema. Aliás, diria eu que esse assunto, na verdade, é bem complexo. Muitas são as indagações, as dúvidas, e vários são os esclarecimentos que ainda precisam vir à tona para a apreciação lúcida de todos nós.

Mas Paulo Neto responde bem à proposta que nos apresenta nessa obra!

E ele sempre tem respondido bem à várias questões não somente desse, mas também de outros temas que vão surgindo, passo a passo, dia a dia, recheados de polêmica, curiosidades, contradições...

O trabalho de estudar, instruindo-se e

instruindo ao próximo, não acaba nunca e os trabalhadores do bem parece que são incansáveis, perseverantes, movidos por uma fé inabalável, pesquisando e produzindo ininterruptamente livros físicos ou virtuais, semeando as boas sementes para que haja luz no Mundo, as sementes do Evangelho, por todos os corações.

O tempo vai apresentar os resultados. As flores e os frutos virão no seu momento certo. É da lei de Deus que assim seja. O autor, Paulo Neto, sabe disso!

Aproveitem e desfrutem dessa obra literária de qualidade! Outras mais virão! Enxergamos aqui nessa iniciativa do autor uma relevante contribuição para o espargimento da água da vida oferecida por Jesus, que nos sacia a sede definitivamente!

Avante, para a frente e para o alto, meus amigos! Ave, Cristo!

Belo Horizonte, 24 de junho de 2022.

Marcelo Badaró Duarte

Introdução

O que temos visto é que, consideravelmente, vêm se avolumando as pesquisas voltadas para pessoas que vivenciam a intrigante Experiência de Quase-Morte. Após vivê-la, a grande maioria, passa por uma drástica transformação na sua maneira de encarar a vida.

Acreditamos que, na atualidade, já temos “um estoque” suficiente de casos para que se possa considerar os relatos como fatos inegavelmente verídicos e não mais como uma ilusão produzida pela mente fértil dos pacientes.

O que ainda não se viu, de forma expressiva, é a mente dos cientistas se abrir para aceitar a realidade de algo no ser humano que não o corpo físico. Esse “algo” poderá ser designado de alma, mente ou consciência, tanto faz, uma vez que o mais importante é considerá-lo de origem estritamente espiritual, se assim podemos nos expressar.

Mas não podemos deixar de ver que entre os que não a admitiram temos vários deles mudando de lado, mesmo correndo o risco de não serem compreendidos ou vistos como “místicos”. É o preço que, muitas vezes, se paga para evoluir.

Além de registrar a nossa gratidão, temos o dever de noticiar que o teor resumido desse ebook, foi publicado no livro ***A Sobrevivência da Alma Em Foco***, organizado por Jáder dos Reis Sampaio e Marco Antônio F.



Tema central: “Sobrevivência da alma”

25 e 26 de agosto de 2018

Belo Horizonte – MG

Milani Filho, que contém textos selecionados do 14º Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo – LIHPE, realizado no mês de agosto de 2018, em Belo Horizonte (MG).

Nas transcrições, os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, nós avisaremos.

Por que “prova” e não “evidência”?

Consultamos o **Dicionário Online de Português - Dicio**, no qual encontramos:

Prova: O que demonstra a veracidade de uma proposição, de um fato; comprovação; Teste, exame ou questionário sobre algo; arguição: prova de literatura. [...]. ⁽²⁾ ⁽³⁾

Evidência: Caráter do que é evidente, manifesto, do que não deixa dúvidas; **prova:** não havia evidência de que o crime tinha sido cometido por ele; **O que demonstra a existência de alguma coisa;** indício: as evidências do assassinato. [...]. ⁽⁴⁾

Já no dicionário **Michaelis**, lemos:

Prova: 1 Aquilo que demonstra a veracidade de uma afirmação ou de um fato; confirmação, comprovação, **evidência:** [...]; 2 Ato que demonstra plenamente a existência de algo (afeto, amor, felicidade, maturidade etc.): [...]; [...] 5 Trabalho científico com o objetivo de demonstrar um fenômeno físico; experimento. ⁽⁵⁾

Evidência: 1 Qualidade ou caráter daquilo que é evidente, incontestável, que todos veem ou podem ver e verificar e que não deixa dúvidas; 2 **Algo que prova a existência de algo** com certa probabilidade; indício, sinal: O sangue na roupa é a evidência do crime; [...] 4 FILOS Constatação de uma verdade, de conhecimento que, pelo grau de clareza, não suscita nenhuma dúvida, segundo o racionalismo cartesiano. (6)

Observamos que em uma das definições de prova, encontramos o vocábulo “evidência”, como também em uma definição de evidência consta o termo “prova”. Diante disso, parece-nos que essas palavras podem ser vistas como sinônimas.

Também há de se notar que nas definições de evidência aparece o termo indício, que pela definição do Michaelis, é: “Sinal ou fato que deixa entrever alguma coisa, sem a descobrir completamente, mas constituindo princípio de prova;” (7) Acreditamos que aqui temos a razão pela qual, no meio científico, é o conjunto de evidências que se torna prova.

No site **Consultor Jurídico**, temos a seguinte explicação do advogado Marco Antonio Birnfeld, editor do site *Espaço Vital* e articulista da revista

Consultor Jurídico, postada em 11/06/2004:

Provas X Evidências

Ou são provas, ou são apenas evidências. As provas são concretas, documentadas. As evidências prescindem de provas: tem-se certeza mesmo sem contar com provas objetivas. Portanto, prova e evidência são coisas diferentes. ⁽⁸⁾

Na verdade, o que mais nos importa é ter tais fenômenos como fatos e não simples produtos da imaginação.

Vale a pena transcrever o 1º § do artigo “Comprovação Científica” de Caroline Faria, graduada em Gestão Ambiental e Engenharia Química, publicado no site [**InfoEscola**](#):

“Comprovar” significa “confirmar”, “corroborar”, ou ainda, “evidenciar” e “demonstrar” algo. A **comprovação científica** é, pois, o ato de (com)provar através de experimentos (evidências, demonstrações) diretos ou indiretos, ou ainda por métodos probabilísticos (demonstrações matemáticas) a veracidade de alguma hipótese ou teoria com base no “método científico”. ⁽⁹⁾ (grifo do original)

Não temos dúvida alguma de que, mais cedo ou mais tarde, a Ciência, dita oficial, acabará por se dobrar à realidade do Espírito, provavelmente o designará de “consciência extracerebral” ou algo do tipo.

Acreditamos ser oportuno trazer o seguinte trecho de uma fala de Allan Kardec (1804-1869), constante da **Revista Espírita 1867**:

[...] A existência, a independência e a individualidade da alma podem, assim, ser o resultado da observação. **Se, durante a vida do corpo, a alma pode agir sem o concurso dos órgãos materiais, é que ela tem uma existência própria**; a extinção da vida corpórea não arrasta, pois, forçosamente, a da vida espiritual. [...]. ⁽¹⁰⁾

Eis aí a conclusão lógica que o Codificador chegou com diante da real manifestação da alma após emancipar-se do corpo físico.

EQM?! O que é isso?



No site [InfoEscola](#), no artigo “Experiência de quase morte”, Ana Lúcia Santana, mestre em Teoria Literária, explica:

Nas **Experiências de Quase Morte (EQM)**, as pessoas encontram-se normalmente mortas clinicamente, sem o decreto de morte cerebral ⁽¹¹⁾, supostamente são transportadas para uma outra dimensão da existência, passam por sensações e visões, retornam para a vida e se revelam transformados, renovados em suas atitudes e crenças.

Estas experiências vêm sendo relatadas há milhares de anos, desde os tempos de Platão,

[...] alguns cientistas ainda preferem atribuir este fenômeno a uma hipóxia cerebral, estado em que o cérebro não recebe a oxigenação adequada, apesar do sangue fluir normalmente, ou ao efeito de determinados remédios consumidos pelo paciente. ⁽¹²⁾ (grifo do original)

Vê-se, portanto, que, ainda que tenha vindo intuitivamente, a EQM não é uma novidade aos amantes da cultura grega, que, certamente, conhecem o que Platão ⁽¹³⁾ escreveu sobre isso.

Da definição do termo EQM na [Wikipédia](#), destacamos o seguinte trecho:

Em 1982, uma pesquisa do Instituto Gallup apontou que cerca de 8 milhões de norte-americanos já tinham passado pela experiência de quase morte.^[14] Até 2005, haviam sido documentadas menções a EQM em 95% das culturas do mundo.^[15] **Um dos mais antigos registros de EQM está contido na obra “A República” (Livro X) de Platão.**^{[16][17][18]} ⁽¹⁹⁾

Beatriz Ferrara Carunchio, pesquisadora de pós-doutorado pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP e doutora em Ciência da Religião, no artigo “EQM

perturbadora, saúde mental e a espiritualidade do paciente: analisando relatos de brasileiros”, publicado na revista **REVER - v. 20, nº 2**, cita o psiquiatra Bruce Greyson, cientista e professor de psiquiatria da Universidade da Virgínia, com mais de 30 anos de pesquisa das EQMs, define:

As Experiências de Quase Morte (EQMs) são eventos psicológicos profundos que têm elementos transcendentais e místicos e ocorrem, normalmente, com indivíduos que estão próximos da morte ou em situações de perigo físico ou emocional intenso. ⁽²⁰⁾

É oportuno termos a visão sobre as experiências de quase-morte da parte de um especialista e pesquisador, ou seja, de alguém que não é leigo no assunto.

Também não podemos deixar de trazer o seguinte parágrafo do artigo “EQM perturbadora, saúde mental e a espiritualidade”, de Beatriz Ferrara Carunchio, publicado na **Rever**:

Neste ponto, é importante ressaltar **a diferença entre morte clínica e morte encefálica. Na morte**

clínica, o paciente pode ser reanimado, caso receba socorro a tempo e reaja bem aos esforços da equipe de saúde. Durante a morte clínica, o EEG (eletroencefalograma) evidencia ausência de atividade no córtex cerebral (região mais externa do cérebro, responsável por funções nervosas superiores, as ditas funções neuropsicológicas, como a atenção, lucidez, coordenação dos movimentos, modulação do comportamento e das emoções, cognição e percepção, entre outras). **Já a morte encefálica é uma condição irreversível e caracterizada pela falência do tronco encefálico**, estrutura cerebral relacionada a grande parte das funções vitais (Rabello, 2006). Portanto, as EQMs ocorrem durante a morte clínica, uma vez que a morte encefálica é uma condição final e irreversível. ⁽²¹⁾

Assim, fica bem claro que as EQMs só ocorrem quando se dá a “morte clínica”, por ser a única situação que possibilita a reanimação do paciente.

Em ***O Que Acontece Quando Morremos***, o Dr. Sam Parnia, MD, Phd, no tópico “Histórico das EQMs” também cita Platão e traz um caso de 1795, vejamos este trecho do seu relato:

Nos meses seguintes, enquanto eu examinava mais literatura médica, descobri que houve muitos registros de experiências de quase-morte em

diferentes culturas e épocas. Na verdade, a **referência mais antiga das EQMS ocorreu em A República, de Platão, escrito em IV a.C.** Aqui, um soldado comum, Er, sofre um ferimento quase fatal em batalha, e é ressuscitado na cerimônia do funeral. E descreve uma viagem da escuridão à luz, acompanhada de guias, um momento de julgamento, sentimentos de paz e alegria, visões de belezas extraordinárias e felicidade absoluta.

Embora o caso de Platão pudesse simplesmente ter representado as visões filosóficas e religiosas da pós-vida prevalentes na época, eu também já vi um trabalho muito interessante de Hieronymus Bosch, o famoso pintor holandês do século XV. Em um quadro intitulado *A ascensão para o Império*, ele desenhou o que parecia ser uma típica EQM: uma passagem de um túnel em direção a uma luz brilhante com pessoas sendo levadas anjos [veja a imagem ²²]. Perguntei-me se Bosch havia passado ele mesmo por uma EQM ou se outra pessoa teria lhe descrito.



Então, soube de um outro caso histórico bastante interessante. **Um almirante da Marinha**

Britânica escapou por um triz do afogamento no porto de Portsmouth em 1795. Após sua difícil experiência, ele publicou o que passou, num jornal local:

“Embora os sentidos estivessem... morrendo, não tanto a mente; sua atividade parecia ser revigorada em uma proporção que desafia qualquer tentativa de descrição, porque pensamentos sobrepunham-se a pensamentos em rápida sucessão. O evento apenas acontecia... a estranheza o produzindo... o alvoroço que deve ter ocasionado... o efeito em meu querido pai... o momento no qual me separaria de minha família, e uma centena de outras circunstâncias associadas diretamente ao lar eram minhas primeiras impressões. Então, elas ficaram maiores, nosso último cruzeiro... uma última viagem e um naufrágio, minhas aventuras de escola e minhas descobertas da infância. Portanto, viajando, para trás, cada incidente de minha vida parecia passar à minha frente em grande sucessão; não como um sumário, como aqui dito, mas as figuras a cada minuto e segundo desfilavam diante dos meus olhos. Em resumo, todo o período de minha existência parecia estar diante de mim de uma forma panorâmica, e cada parte parecia ser acompanhada de uma consciência do certo e do errado, ou por alguma reflexão de suas causas ou consequências; de fato, eventos já há muito esquecidos povoaram minha imaginação, e com cheiro de uma grande familiaridade.”

Estes dois casos históricos me fascinaram. Eles eram apenas histórias, mas obviamente **demonstravam que as EQMs definitivamente**

não eram um fenômeno moderno. (23)

O Dr. Pim van Lommel, autor do capítulo “Sobre a continuidade da nossa consciência”, inserido na obra **Relatos Verídicos: Experiência de Quase-morte**, objetivamente, questiona:

Havendo falta de provas favoráveis a quaisquer outras teorias acerca das EQM, dever-se-á discutir o conceito até agora pressuposto, mas **nunca provado cientificamente, de que a consciência e as memórias estão localizadas no cérebro.** [...]. (24)

Em nossa pesquisa, deparamos com um detalhe interessante na obra **A Morte Como Despertar**, de autoria de Paul Perry, trata-se do relato da experiência de quase-morte do médico anestesista Rajiv Parti. Vejamos o seguinte trecho do depoimento dele:

Eu sabia que ele estava se referindo ao **propofol**, a anestesia preferencial porque **faz o paciente dormir durante toda a cirurgia**. Trata-se de um hipnótico de curta duração chamado jocosamente de “leite de amnésia”, não somente pela cor leitosa na preparação intravenosa, **mas**

também por fazer com que o paciente não consiga se lembrar de nada do que aconteceu durante a operação. Como o propofol tem características analgésicas, adiciona-se também fentanil à mistura. O fentanil é um poderoso analgésico cujo objetivo é suprimir a dor lancinante que com certeza acompanha uma cirurgia dessa complexidade.

[...] Aquelas duas drogas combinadas levavam a um estado de in consciência, como um sono da morte, pois o paciente não sabe de nada, não se lembra de nada, não sente nada. [...].⁽²⁵⁾

Num capítulo mais à frente, vamos deparar com a seguinte informação:

Muitos pacientes que passam por experiências de quase morte se esquecem dela pouco depois. Isso costuma acontecer como resultado da anestesia, que provoca amnésia.⁽²⁶⁾

Portanto, para os pacientes que foram anestesiados, temos aí a explicação por qual motivo não relatam nenhum acontecimento no intervalo de tempo que estiveram “apagados”. Porém, o fato deles não se lembrarem não significa, necessariamente, que, na dimensão para a qual

foram “projetados”, não estavam conscientes do que ocorria ao seu redor, naquele período.

No geral, o que era de se esperar é que ninguém pudesse se lembrar. Vamos encontrar a explicação disso em ***As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*** (1909), onde o autor Gabriel Delanne (1857-1926) esclarece-nos:

[...] **a hipótese de um desdobramento** da mãe parece, ao menos, também provável, já que naquele dia, indo se deitar, ela disse: “Tenho certeza de que Helen está muito doente”, o que prova que ela estava preocupada com o estado de saúde da sua filha. **Que ela não tenha retido a memória de sua saída extracorpórea, é o que comumente ocorre e não deve nos surpreender, pois estando o espírito fora do corpo, ele não mais impressiona diretamente o cérebro material, de modo que a memória é geralmente obliterada por tudo o que se passou durante sua excursão noturna.** ⁽²⁷⁾

O fenômeno do desdobramento nada mais é do que o Espírito emancipar do corpo físico, exatamente o que acontece nas EQMs. O não ter nenhuma lembrança do que aconteceu no período, reside no

fato de não haver ligação direta do Espírito ao cérebro físico e, em razão disso, esse não registra o que ocorreu nesse decurso de tempo. Mas, é fato que algumas pessoas, não sabemos por quais motivos, conseguem se lembrar de tudo.

A **EQM** - Experiência de Quase-morte, a **EFC** - Experiência Fora do Corpo e a **MEPV** - Manifestação de Espírito de Pessoa Viva, são, a nosso ver, três situações em que, em dado momento, a alma vivencia. Embora sejam produzidos em condições diferentes, todas elas têm como origem o mesmo fenômeno espiritual: o da emancipação da alma.

Nesta imagem (28), temos a representação da saída do Espírito (alma) do corpo de uma pessoa viva. É nesta condição de desligado do seu instrumento corporal, que poderá se manifestar:



Se mesmo na condição de encarnado, o Espírito pode se manifestar, conforme amplamente demonstra o Espiritismo, então, fica evidente que ele tem vida totalmente independente da do corpo, razão pela qual poderá, de igual modo, manifestar-se após a morte deste.

Sobre o fenômeno da manifestação de Espíritos de pessoas vivas, recomendamos aos interessados a nossa pesquisa publicada no ebook ***Manifestação de Espírito de Pessoa Viva (Em que condições elas ocorrem)***, disponível em nosso site ⁽²⁹⁾.



Na imagem ⁽³⁰⁾ vemos algo que, constantemente, aparece nos relatos de EQMs: o paciente se sente no teto, de onde vê a equipe médica e os enfermeiros fazendo o possível para reanimar o seu corpo.

Antes de citarmos alguns casos de EQMs narrados pelos pesquisadores é conveniente falarmos sobre o eletrencefalograma. Esse será o tema do próximo capítulo.

Eletrencefalograma

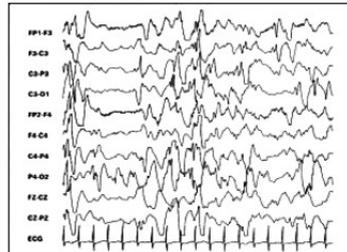
Vejamos a seguinte imagem ⁽³¹⁾:

Eletrencefalograma



Aparelho

Resultado



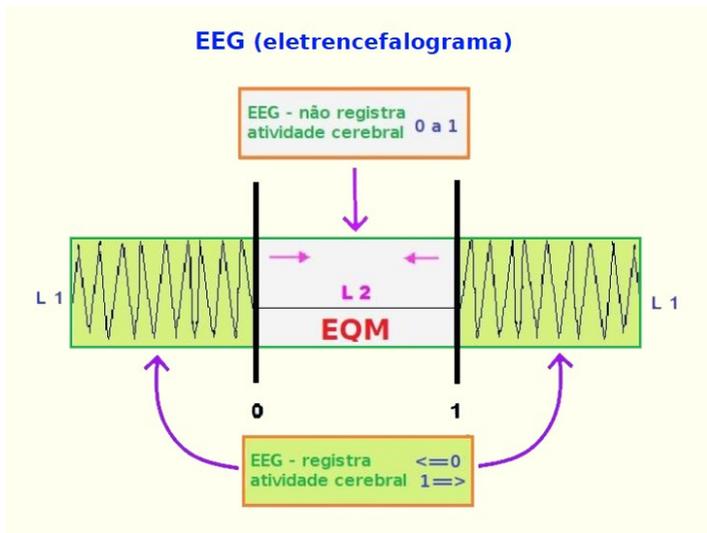
Acreditamos que agora fica mais fácil entender do que se trata e como é aparência do resultado impresso pelo eletrencefalograma, fundamental para provar a atividade elétrica do cérebro.

No **Dicionário Houaiss**, encontramos a seguinte definição:

Eletrencefalograma: s.m. NEUR exame que registra as variações do potencial elétrico do cérebro nos animais e no homem [abrev.: EEG]; eletrencefalograma.

Se no resultado do eletrencefalograma as linhas ficarem retas, significa que não há atividade cerebral, portanto, o indivíduo nessa condição, dentro da ótica científica, que é a dos médicos, não é capaz de pensar.

Buscando uma melhor compreensão, embora julgando que não seja algo tão difícil de entender, elaboramos o seguinte gráfico:



Na linha 2 (L 2), a área cinza (entre 0 e 1): a ciência ainda não conseguiu elucidar qual a causa da mente (consciência) se manter ativa; alguns cientistas tecem especulações sem levarem em conta as pesquisas sobre a EQM já realizadas por vários pesquisadores.

O jornalista Douglas Scott Rogo (1950-1990), em ***A Vida Depois da Morte: A Questão da Sobrevivência à Morte Corpórea***, falando a respeito do “diagnóstico de morte”, explica:

Um critério mais rigoroso é o exame das ondas cerebrais. **O cérebro de um indivíduo que acabou de morrer não produz qualquer atividade elétrica. Submetido a um exame eletroencefalográfico, tal indivíduo não apresentaria ondas cerebrais. [...]. ()**

Assim, conclui sobre relatos de EQM nos quais ocorreu o mencionado exame: “[...] De acordo com todos os critérios médicos, aqueles indivíduos se encontravam irreversivelmente mortos, por ocasião de suas experiências.” ⁽³²⁾

Em ***O Que Acontece Quando Morremos***, o

Dr. Sam Parnia nos esclarece a respeito do eletroencefalograma (EEG):

[...] Este é um aparelho que mede a atividade elétrica subindo pelas partes de superfície do cérebro (córtex), onde funções cerebrais mais altas, como o som, a visão, informação sensorial, processos de pensamento e memória são medidos. Nos primeiros segundos após a parada do coração e portanto da queda de pressão sanguínea, as ondas do EEG mudaram para uma fase inicial e então rapidamente para as “linhas retas”. **Estas “linhas retas” das ondas do EEG indicaram uma falta de atividade elétrica mensurável no cérebro.** [...]. ⁽³³⁾

No capítulo - O paradoxo, fala a respeito do fato em que o EEG registrava linha reta e mesmo assim os pacientes contavam fatos ocorridos nesse período de tempo:

Comecei a pensar nas implicações disso. Há alguma coisa que não se encaixa aqui, pensei. Temos um grupo de pessoas tão gravemente doente que chegou a atingir o ponto clínico de morte, **mas, ainda assim, eles relatam ter processos de pensamentos lúcidos e bem-estruturados, com argumentação e formação da memória daquela hora.** Há também histórias

confiáveis de pacientes que se lembram de acontecimentos detalhados, ocorridos durante a ressuscitação. Como isso pode acontecer? **Como pode haver processos de pensamentos tão lúcidos quando o cérebro está, na melhor das hipóteses, desligado e, tanto quanto pudemos medir, não funcionando?**

Aquilo era particularmente intrigante. Normalmente pessoas que estão **muito doentes desenvolvem um estado agudo de confusão, caracterizado por processos de pensamento desordenados com perda de memória.** Isso é compreensível porque quando o delicado equilíbrio entre nutrientes, hormônios e outras substâncias ao redor do cérebro fica comprometido, então, é claro, não existe um trabalho adequado. **A grande maioria das pessoas de nosso estudo possuía perda completa de memória durante o período da parada cardíaca,** que é o que eu esperava, mas **de 6 a 10% paradoxalmente pareciam ter processos de pensamento e consciência,** em outras palavras, uma EQM. **Muito embora eles também tivessem perdido as lembranças dos acontecimentos a respeito da doença, eles se lembraram da EQM muito claramente.** ⁽³⁴⁾

Quanto ao fato de perder a lembrança dos acontecimentos, corrobora o que médico anestesista Rajiv Parti disse.

Na obra ***Evidências da Vida Após a Morte,***

os autores Jeffrey Long, médico e pesquisador americano no fenômeno de experiências de quase morte, e o escritor Paul Perry, explicam:

Para entender como **é extraordinário ter uma experiência consciente na ocasião da morte clínica**, é útil entender que, quando o coração para de bater, o sangue para em seguida de fluir até o cérebro. Entre dez e 20 segundos depois que o sangue para de fluir até o cérebro, a atividade cerebral necessária para a consciência cessa. A atividade cerebral pode ser medida por eletrencefalograma (EEG), que registra a atividade elétrica do cérebro. **Quando a atividade cerebral para, os registros dos EEG ficam planos, indicando que não há atividade elétrica cerebral mensurável.** ⁽³⁵⁾

A questão é: não há nenhuma atividade elétrica cerebral ou não há atividade mensurável? Pelo que vimos em vários especialistas a primeira opção é a que prevalece. Porém, mesmo supondo não haver atividade mensurável, o fato é que o paciente está com o cérebro físico “apagado”, que lhe impossibilita a percepção de qualquer acontecimento à sua volta.

Os fatos demonstram que no período de tempo

da EQM, onde não há registro de atividade cerebral, o paciente relata, se não tudo, quase tudo que ocorreu à sua volta, o que, na pior das hipóteses, demonstra atividade da consciência, no linguajar materialista, e a existência da alma, na visão espiritualista.

Interessantes casos de EQMs relatados por pesquisadores

Do livro ***A Vida Depois da Morte: A Questão da Sobrevivência à Morte Corpórea*** (1986), do escritor Douglas Scott Rogo, também pesquisador de assuntos ligados à parapsicologia, destacaremos o cap. “O Estudo dos Encontros Perto-da-morte Verídicos” no qual é citado o nome do cardiologista americano Dr. Michel Sabom pesquisador de experiências de quase-morte (³⁶)

O **Dr. Michael Sabom** encontra-se presentemente trabalhando no Centro Médico da Administração de Veteranos de Atlanta. Tendo sido convidado a falar em um simpósio especial sobre a experiência perto-da-morte, na reunião anual da Associação Psicológica Americana de 1981, em Los Angeles, ele relatou as pesquisas que iniciara depois de ter completado a investigação descrita. Explicou o Dr. Sabom que, embora a princípio estivesse primordialmente interessado pelos pacientes cardíacos nos hospitais em que trabalhava, não tardou a começar a colher informações de outras fontes. O que o impressionou singularmente, à medida que colhia

informações sobre um número de casos cada vez maior, foi como alguns de seus pacientes cardíacos, assim como outros, assistiam realmente às operações a que eram submetidos e/ou ressurreições, durante sua experiência fora-do-corpo (FDC). **Impressionou-o o fato de muitos de tais informantes terem visto e descrito minuciosamente muitos fatos que estavam além do conhecimento médico ao leigo em geral.** A partir de então, o Dr. Sabom começou a publicar relatos de vários outros casos.

Um dos relatos diz respeito a um vigia noturno de 52 anos, no norte da Flórida, que apresentava sérios distúrbios cardíacos e foi internado no centro médico da Universidade da Flórida em novembro de 1977, para exames e subsequente cirurgia. O Dr. Sabom ainda se encontrava estagiando no hospital naquela ocasião, e pôde acompanhar de perto o incidente. O paciente sofreu uma experiência PDM durante uma operação anterior e uma segunda em janeiro de 1978, durante a cirurgia de coração aberto.

A experiência do vigia foi típica. Segundo contou, perdeu a consciência depois de anestesiado, e recuperou-a durante a operação, que passou a ver, mas de um ponto situado a cerca de 60 centímetros acima de seu corpo. Esse ponto privilegiado lhe permitiu ver tudo que estava acontecendo. Falou ele sobre a sensação de ser *“como que uma outra pessoa na sala”* e ver os dois médicos operando o seu próprio corpo e o costurando, depois de terminada a intervenção. Sua perspectiva *sui generis* também lhe

possibilitou fazer pormenorizadas observações sobre a própria cirurgia. Viu os médicos enfiarem uma seringa no coração, por duas vezes. Notou também que a sua cabeça estava coberta por um lençol, e ficou surpreendido ao ver quanto era difusa a luz da sala.

O vigia noturno também se mostrou surpreso com o aspecto do coração e de como ele se mostrava durante a intervenção cirúrgica.

“Tinham instrumentos de todas as espécies fincados na abertura”, lembrou, quando Sabom o entrevistou...

Acho que se chamam grampos, grampeado por toda a parte. Fiquei admirado, porque pensava que devia haver sangue por toda a parte, e, na verdade, não havia muito sangue... E o coração não é como pensei que fosse. É grande. E isso depois que o médico já tinha tirado uns pedacinhos dele. Não tem a forma que pensei que tinha. Meu coração tem uma forma parecida com a do continente africano, largo em cima e afinado para baixo. Em forma de feijão, eis outro modo de descrevê-lo... Talvez o meu tenha um formato esquisito... (A superfície) era cor-de-rosa e ama rela. Achei que a zona amarela fosse o tecido gorduroso ou coisa semelhante. Uma zona geral para a direita ou esquerda era mais escura que o resto, em vez de ser da mesma cor.

O paciente se interessou em observar a cirurgia com coração aberto e ouviu os médicos discutindo os processos que estavam prevendo ou

executando. Discutiram acerca de um desvio, examinaram um vaso superdilataado, e até mesmo torceram o coração, para examiná-lo mais facilmente. O paciente chegou a notar que um dos médicos estava calçando um deter minado tipo de sapatos e que outro tinha uma manchinha de sangue em baixo da unha.

O Dr. Sabom ficou tão intrigado com esse relato e com a sua entrevista em geral, que **foi consultar o arquivo e leu o relatório do cirurgião sobre a operação. Verificou que a descrição do paciente constituía uma descrição, espantosamente exata para um leigo, dos processos realmente usados durante a intervenção cirúrgica.** Fora usado um retrator auto-retentor, o paciente era portador de um aneurisma que descolorira parte do seu coração, que fora revirado durante a operação. Mesmo a seringa que tinha sido inserida desempenhou um papel na operação. Tinha sido usada para retirar ar do coração... e por duas vezes.

O que mais impressionou o médico da Geórgia foram os detalhes técnicos incluídos no relato do vigia. Não pareciam, de modo algum, estarem ao alcance de um leigo inculto, e isso constituía um indício de que a experiência perto-da-morte representava um fenômeno mais significativo do que a maior parte dos médicos admitia até então. A curiosidade do Dr. Sabom se aguçou ainda mais quando ele acompanhou **o caso de uma mulher do Estado de Missouri**, que fora submetida a uma cirurgia disco lombar, em 1972. Também ela

assistira à sua operação, quando se encontrava fora do corpo, e mais tarde a descreveu minuciosamente. O mais interessante nesse caso é que a paciente viu o chefe da equipe de cirurgia fazendo a operação, quando pensa que estaria o seu médico-assistente. Somente mais tarde ela ficou sabendo que o cirurgião-chefe dirigia a operação e, embora nunca o tivesse visto antes, ela o reconheceu imediatamente, quando o viu durante a convalescença.

Diante de tais fatos, o Dr. Sabom se dedicou entusiasticamente a estudar os relatos de experiências PDM, nas quais os sobreviventes descreviam os processos médicos usados durante a operação e a ressurreição. Esses relatos vinham primordialmente de cardíacos, uma vez que a especialidade do Dr. Sabom era a cardiologia. Na opinião daquele médico, se tais observações se mostrassem corretas, aqueles casos especialíssimos ser viriam para documentar a existência, autenticidade e natureza psíquica da experiência perto-da-morte. O cardiologista conseguiu, até agora, recolher trinta e dois casos de indivíduos que viram o seu próprio corpo perto-da-morte, e seis vítimas de paradas cardíacas em particular apresentaram específicos e exatos detalhes acerca de suas ressurreições. O número não é grande, mas a importância do fato reside na qualidade dos casos. ⁽³⁷⁾ (itálico do original)

As informações surgidas dos relatos, dos que passaram para experiência de quase-morte, sendo

exatas com os fatos acontecidos e com detalhes técnicos que não tinha domínio, não abre espaço senão para admitir que algo espiritual em nós sobrevive à morte ou, caso queiram, que esse “algo espiritual” é a nossa consciência, tanto faz.

O que julgamos importante, no momento, já é admitir uma parte além da matéria, para não usar o termo espiritual, no ser humano.

Num certo ponto, mais à frente, Scott Rogo, arremata:

[...] Parece haver pouca dúvida de que a investigação do **Dr. Sabom** é, provavelmente, **a mais importante linha de provas que a experiência de perto-da-morte não pode estar atribuída a anormalidades cerebrais, alucinações resultantes da falta de oxigênio no cérebro ou a alguma obscura anormalidade psicológica.** [...]. ⁽³⁸⁾

Temos mais um caso pesquisado pelo Dr. Sabom, que está narrado em ***Nos Portais do Além: a Ciência e as Mais Extraordinárias experiências de Quase-Morte, Comprovando que há Vida Após a Morte***, de autoria de Admir

Serrano, está narrado no cap. 6 - A consciência não precisa de cérebro:

PAM REYNOLDS, CANTORA NORTE-AMERICANA, FOI LEVADA À SALA de cirurgia às 7h15 em uma manhã de agosto de 1991. Ela tava consciente (em seu corpo físico) até o momento em que a anestesia lançou-lhe em sono profundo. **Pam sofreria uma cirurgia super-delicada e muito arriscada no cérebro** para clipagem de um aneurisma extremamente grande. Para isso, **seria necessário baixar a temperatura de seu corpo a 16 graus. Para atingir essa temperatura, o sangue teria de ser drenado e passado por um aparelho de refrigeração, para depois retornar ao corpo.** O objetivo final desse processo era produzir uma parada cardíaca controlada para conter a circulação de sangue no cérebro e permitir a correção do aneurisma. Ou seja, por alguns momentos, **Pam seria levada à morte clínica, pois seu coração pararia de bater, seu cérebro não receberia sangue e não registraria atividade encefálica.**

Assim que a anestesia fez efeito, Pam teve seus cabelos raspados e seus olhos lubrificados para que não se ressecassem e tampados com adesivo apropriado. Em cada ouvido da cantora foi inserido um pequeno aparelho que impedia a entrada de sons para monitorar seus reflexos auditivos e a atividade do tronco encefálico.

Portanto, além de estar totalmente inconsciente em razão do efeito da anestesia e

posteriormente da parada cardíaca, Pam ainda tinha seus órgãos visuais e auditivos completamente inutilizados. Se a consciência do ser humano fosse uma “secreção” ou, de alguma outra maneira, um subproduto do cérebro, com a ciência crê que seja, Pam não poderia ver nem ouvir nada, muito menos locomover-se! Suas pernas e seus braços estavam firmemente atados à cama para evitar algum eventual movimento durante a delicada cirurgia.

Mas nada disso a impediu que saísse do corpo e visse e ouvisse, em detalhes, tudo o que ocorria na sala de cirurgia – e foi ainda literalmente mais longe, pois, deixando as dimensões terrenas, foi ter com seus entes queridos que a esperavam nos portais do Além.

“Lembro-me ter visto várias coisas na sala de cirurgia” contou ela ao doutor Michael Sabom. “Olhava de cima para baixo, como se estivesse 'sentada' sobre os ombros do doutor Spetzler [o médico que a operava]. Jamais estivera tão lúcida em toda a minha vida. Não era como uma visão normal, era muito mais claro e mais focado que a visão normal...”

Achei peculiar a maneira como raspavam minha cabeça. Pensei que raspariam todos meus cabelos, mas não o fizeram...”

Pam descreveu, em precisos detalhes, a pequena serra que o médico usava para abrir-lhe o crânio, instrumento esse que jamais vira antes. E disse mais:

“Alguém falou que as minhas veias e artérias eram muito pequenas. Era uma voz de mulher, acho que foi a doutora Murray, a cardiologista... Lembro-me da máquina cardiopulmonar [utilizada para resfriar seu sangue]. Não gostava do pirador. Lembro-me de um monte de ferramentas e instrumentos que não reconheci de imediato.

Até esse momento, por volta de 10h50 da manhã (3 horas e 35 minutos após sua entrada na sala de cirurgia), a parada cardíaca ainda não havia acontecido, pois somente se daria quando do procedimento para a incisão no cérebro para a correção do aneurisma, não havendo necessidade de fazê-lo antes disso.

A parada cardíaca e a ausência de ondas cerebrais, a chamada *flatline*, ou morte clínica, deu-se por volta de 11h20, e o início da espetacular e audaciosa manobra cirúrgica ocorreu cinco minutos depois.

Foi então que Pam Reynolds deixou a sala de cirurgia e pôs-se a caminho do Além.

Contou ela:

“Tive a sensação de estar sendo puxada, mas não contra minha vontade. Fui por conta própria, porque queria ir. Era como se estivesse dentro do vórtice de um tornado, mas sem girar e sem ter vertigem. A sensação era de estar subindo por um elevador muito veloz. Mas não era uma sensação física. Era como se estivesse em um túnel, mas ao mesmo tempo eu percebia que aquilo não era realmente um túnel.

Logo que entrei no vórtice, ouvi minha avó

(desencarnada) me chamando. Mas não a ouvia com meus ouvidos... Era uma audição muito mais clara. A sensação era de que ela queria que eu fosse a seu encontro, então continuei a viagem sem nem um receio. O 'túnel' era bem escuro, e bem no final tinha um minúsculo ponto de luz que ia aumentando, aumentando...

A luz era incrivelmente brilhante. Tão brilhante que, instintivamente, tapei meus olhos com as mãos. Logo comecei a perceber a presença de pessoas na luz, todas elas cobertas com luz e emanando luz. E vi que começavam a tomar forma de pessoas que eu conhecia. Uma delas era a minha avó... Eu reconheceria minha avó e o som de sua voz em qualquer lugar. Todas as pessoas que vi tinham a aparência da melhor fase de sua vida terrena.

Eu reconheci muitas pessoas. Meu tio Gene estava lá [o que a empurrou de volta ao corpo], e Maggie, uma tia bem distante; meu avô paterno também estava. Eles estavam especificamente cuidando de mim, protegendo-me.

Eles não permitiam que eu fosse além daquele ponto. Foi-me comunicado – essa é a melhor maneira que tenho para explicar, pois eles não falavam como eu estou falando – que se eu penetrasse inteiramente na luz, alguma coisa ocorreria comigo fisicamente, e eles não seriam capazes de colocar-me de volta no corpo físico; se eu passasse daqueles limites não seria possível mais reconectar-me (com o corpo físico). Então eles não me deixaram sair daquele lugar. Mas eu queria ir à luz, mas, ao mesmo tempo, queria

retornar, pois tinha filhos para cuidar...”

Na sala de cirurgia, a destreza do doutor Spetzler rapidamente corrigira o aneurisma cerebral, a máquina cardiopulmonar passou a bombear sangue quente na circulação de Pam e não tardou muito para que os monitores cardíaco e encefálico passassem a registrar sinais vitais no corpo ainda inconsciente da cantora.

Mas ela ainda não estava de volta!

“Então eles, os parentes desencarnados, estavam me ali mentando. Mas não pela minha boca, com comida, nutriam-me com alguma outra coisa. A única maneira que consigo descrever é que era alguma coisa faiscante. Faíscas é a única imagem que me ocorre. Definitivamente eu me recordo da sensação de estar sendo nutrida e fortalecida. Sei que pode parecer engraçado, mas não era nada material, que me deixava fisicamente forte, pronta para qualquer coisa.”

De repente o monitor cardíaco começou a registrar atividade elétrica de fibrilação ventricular⁽³⁹⁾ desorganizada. A temperatura do corpo foi rapidamente elevada na tentativa de corrigir o ritmo cardíaco. Mas não resolveu. Em seguida aplicaram-lhe choque no peito com 50 joules⁽⁴⁰⁾ de eletricidade. Não foi suficiente; então aumentaram para 100 joules. Quando faziam preparativos para abrir o peito de Pam para massagear o próprio coração, seu ritmo cardíaco começou a normalizar-se.

E Pam contou como foi seu retorno dos portais do Além:

“Minha avó não me trouxe de volta, nem me mandou de volta ou disse-me para retornar. Ela apenas olhou para mim. Eu pensei que fosse voltar com ela, mas fui informada que ela achava que não poderia fazê-lo. Então meu tio disse que me acompanharia. Foi ele quem me trouxe de volta pelo ‘túnel’. Estava tudo bem. Eu queria voltar. Mas então retornei e vi aquela coisa, meu corpo. Eu não queria entrar... Sua aparência era horrível, como se tivesse sido atropelado por um trem. Tinha a aparência real mente de uma pessoa morta. Acho que estava coberto. Levei um susto e não queria nem sequer olhar para aquele corpo.

Foi-me comunicado que deveria entrar como se desse um mergulho em uma piscina. Sem problemas, entendi perfeita mente o que deveria fazer. Mas eu não queria voltar ao corpo, e acho que demorei muito ou algo assim porque meu tio me empurrou. Definitivamente eu senti repugnância pelo corpo, mas ao mesmo tempo o corpo me puxava para si. Era como se o corpo me puxasse e o ‘túnel’ me empurrasse... E foi realmente como se eu estivesse mergulhando em uma piscina de água gelada... Até doeu!” ⁽⁴¹⁾ ⁽⁴²⁾
(caixa alta e itálico do original)

A ciência materialista, por ainda não ter “descoberto a alma”, não tem como explicar que uma pessoa, que sofreu uma parada cardíaca e com seus órgãos visuais e auditivos totalmente inutilizados, pôde descrever aparelhos e relatar fatos

acontecidos durante esse período de tempo.

No artigo “A sobrevivência depois da morte: observações a partir de modernas pesquisas sobre a consciência”, publicado na obra ***Explorações Contemporâneas da Vida Depois da Morte*** (1990), Stanislav Grof, psiquiatra tcheco que desenvolveu nos Estados Unidos pesquisas sobre os estados alterados de consciência (EAC) ⁽⁴³⁾, reporta um caso interessante relatado pela assistente social Kimberly Clark:

Meu primeiro contato com uma pessoa que passara por uma experiência de quase-morte foi com uma paciente chamada **Maria, uma operária emigrante** que estava visitando amigos em Seattle e **teve um grave ataque cardíaco**. Foi **levada à noite ao hospital pela equipe de atendimento de emergência e internada numa unidade cardiológica**. [...]. Alguns dias depois da internação, ela teve uma parada cardíaca. [...].

Mais tarde, naquele mesmo dia, fui visitá-la julgando que pudesse estar aflita pelo fato de seu coração ter parado. Estava realmente aflita, porém não por esse motivo. Seu estado de relativa agitação contrastava com sua calma habitual. Queria conversar comigo sobre alguma coisa. **E contou: “Aconteceu algo muito estranho quando os médicos e as enfermeiras estavam**

lidando comigo: eu estava olhando para baixo, lá do teto, e os via trabalhar sobre meu corpo.”

[...].

Então ela me contou que sua atenção fora atraída por alguma coisa que estava acontecendo na via de acesso à sala de pronto-socorro, e que, tão logo voltou para lá sua atenção, ela se viu lá fora, [...] pairando sobre aquela via de acesso, [...].

Mas então **Maria passou a relatar que sua atenção havia sido novamente atraída, desta vez por um objeto colocado sobre a sacada do terceiro andar na extremidade norte do edifício.**

Ela ‘imaginara a si mesma indo’ até lá. Percebeu, então, que **‘seus olhos fixavam um cordão de tênis’ junto a um tênis.**

Pedi-me que tentasse encontrá-lo. Ela queria que alguém mais soubesse que aquele tênis estava realmente lá, para confirmar sua experiência fora-do-corpo.



Tomada de emoções confusas, saí do prédio e olhei para cima, examinando as sacadas, mas de qualquer maneira não poderia ver grande coisa. Então, **subi até o terceiro andar e comecei a entrar e sair dos quartos dos pacientes, e a olhar pelas suas janelas**, que eram tão estreitas que eu tinha de colar o rosto na vidraça para conseguir ver a sacada. **Finalmente, encontrei um quarto onde, ao comprimir o rosto contra a vidraça e olhar para baixo, vi o tênis!**

Meu ângulo de visão era muito diferente

daquele sob o qual Maria devia estar olhando para conseguir perceber que **o dedinho havia desgastado o lugar onde ficava em contato com o tênis, e que o laço fora dado por trás do calcanhar**, assim como outros detalhes a respeito do lado do calçado que não estava visível para mim. **Ela só conseguiria observar todos esses detalhes do tênis se estivesse flutuando do lado de fora do prédio e muito perto do tênis.** Eu o peguei e o levei para Maria. Foi, para mim, uma evidência muito concreta. ⁽⁴⁴⁾

Qual a explicação para o presente caso? Não há outra senão a que aponta para a aceitação de que o Espírito de Maria, emancipado do corpo, deslocou-se até o 3º andar do prédio onde viu o tênis.

O detalhe importante é que sua descrição foi feita de tal forma que somente quem o teve perto de si poderia fazer.

Sempre lembramos dessa frase de Carlos Friedrich Loeffler, constante da obra *Fundamentação da Ciência Espírita*, porque, em certas situações, representa um argumento fatal contra os opositores de alguma ideia: “Basta um corvo branco para provar que nem todos são negros.” ⁽⁴⁵⁾

Em ***Experiências de Quase-Morte e o Dom da Vida*** (1996), o autor Phillip L. Berman, formado em Filosofia e Religião na Universidade da Califórnia e na Harvard Divinity School, relata o caso do Dr. George Rodonaia (1956-2004), que possuía doutorado e Ph.D. em neuropatologia e doutorado na psicologia da religião, justificando-se:

*Incluo a história do Dr. Rodonaia aqui não apenas por ser dramática e poderosa, mas porque ele passou por um dos casos mais longos de “EQM clínica” jamais registrado. **Dado como morto imediatamente após ter sido atingido por um carro em Tbilisi, Geórgia soviética, em 1976, foi deixado por três dias num necrotério. Ele não “retornou à vida” até que um médico começou a fazer uma incisão em seu abdômen como parte de uma necrópsia.***

*Um outro aspecto notável da EQM do Dr. Rodonaia – comum em muitos casos é e isso é que ele foi radicalmente transformado por ela. Antes de sua EQM ele trabalhou como neuropatologista na Universidade de Moscou. Ele era também **um convicto ateu. Contudo, após a experiência, dedicou-se exclusivamente ao estudo da espiritualidade, obtendo um segundo doutorado em Psicologia da Religião...** Ele então se tornou sacerdote ordenado na Igreja Ortodoxa do Oriente. Atualmente serve como pastor associado na Primeira Igreja Metodista*

Sinceramente, esse é o caso mais extraordinário que tivemos conhecimento, após leitura de vários livros sobre o tema.

Vejamos o que Dr. Rodonaia narrou do acontecimento:

No dia de minha partida para os Estados Unidos, a KGB tentou me matar. Eu esperava um táxi numa calçada de Tbilisi quando vi um carro subir na calçada, evitar algumas árvores e avançar diretamente sobre mim. Aquilo tudo aconteceu num instante. Primeiro vi o carro vindo em minha direção, depois eu o senti me atingindo em cheio. Acho que voei por uns dez metros, aterrissei de rosto para baixo e, então, o carro passou por cima de mim novamente. Daquele momento em diante, devo ter ficado inconsciente, porque não sou capaz de me lembrar de mais nada do atropelamento ou da cena do atropelamento.

A primeira imagem de que me lembro sobre a minha EQM é que me encontrei num âmbito de total escuridão. Eu não sentia dor física. Estava de alguma forma ciente de minha existência como George, [...]. Eu fiquei chocado em descobrir que ainda existia, mas não sabia onde estava. O único pensamento que continuava a correr em minha mente era: “Como eu posso ser quando não sou?”

Era isso que me intrigava.

Lentamente eu reassumi minha pessoa e comecei a pensar a respeito do que tinha acontecido, do que estava acontecido. [...] foi aí então que eu soube com certeza que ainda estava vivo, embora obviamente numa dimensão muito diferente. Então eu pensei, se eu existo, por que não ser positivo? Foi isso que veio a mim. Eu sou George e estou na escuridão, mas sei que existo. Eu sou o que sou. Eu não devo ser negativo.

[...].

Assim, lá estava eu, inundado por todas estas sensações boas e por esta maravilhosa experiência, quando alguém começa a fazer um

corte em meu estômago. Você pode imaginar? O que havia acontecido é que **eu tinha sido levado para o necrotério. Eu fui dado como morto e deixado ali por três**



dias. ⁽⁴⁷⁾ Uma investigação sobre a causa de minha morte foi estabelecida, e por isso eles **mandaram alguém fazer uma necrópsia em mim. No momento em que começaram a cortar meu estômago,** senti como se uma grande força segurasse em meu pescoço e me empurrasse para baixo. Foi tão poderosa que **eu abri meus olhos e tive aquela enorme sensação de dor.** Meu corpo estava frio e eu comecei a tremer. Eles imediatamente pararam a necrópsia e me levaram para o hospital, onde permaneci pelos nove meses

seguintes, a maior parte deles havendo eu passado sob um respirador. ⁽⁴⁸⁾

Para completar o relato do ocorrido com Rodonaia, recorreremos ao livro **Muito Além da Luz** (1994), autoria da escritora P. M. H. Atwater, do qual transcrevendo o seguinte parágrafo com do seu depoimento:

Duas pequenas paredes me separavam dos outros corpos. Eu podia vê-los, todos. Conseguia enxergar no escuro. Então, lembrei-me do carro e de repente eu **vi os pensamentos de todas as pessoas relacionadas com aquele evento**, como se elas estivessem pensando *dentro de mim*. Percorri seus pensamentos e emoções para encontrar a verdade. **Vi minha mulher indo até a cova onde eu seria enterrado: ela estava pensando sobre como ficaria sua situação e o que iria fazer agora que eu tinha partido.** ⁽⁴⁹⁾
(itálico do original)

Pouco à frente, Atwater comenta algo interessante:

[...] Ele voltou ao necrotério e foi atraído para a seção de recém-nascidos do hospital vizinho, onde a mulher de um amigo seu tinha acabado de dar à

luz uma menina. O bebê não parava de chorar. Como se possuísse visão de raios X, **Rodonaia perscrutou o corpo dela e percebeu que, durante o parto, sua bacia havia se quebrado.** Ele dirigiu-se a ela “verbalmente”: “Não chore. Ninguém vai entendê-la.” O bebê ficou tão surpreso com a presença dele que imediatamente parou de chorar. “As crianças podem ver e ouvir os seres espirituais. Aquela criança me respondeu porque para ela eu era uma realidade física.” Em seguida, veio o retrospecto de sua vida, que ele reviveu desde o nascimento até a morte, além de voltar vários séculos no passado e vivenciar por dentro as vidas de seus antepassados, como se eles e ele fossem um. O processo deixou-o fascinado.

Depois que os médicos presentes à autópsia pararam de gritar – devido ao choque de ver um corpo morto ressuscitar – eles levaram Rodonaia imediatamente para a cirurgia de emergência. Todas as suas costelas estavam quebradas, seus músculos destruídos, seus pés deformados. Passaram-se três dias antes que ele pudesse movimentar a língua o suficiente para falar. **Suas primeiras palavras foram de advertência aos médicos quanto à criança com o quadril quebrado. Foram tirados os raios X dos ossos dela e ele provou que estava certo.** Rodonaia permaneceu hospitalizado por nove meses e, durante este tempo, tornou-se uma espécie de celebridade. ⁽⁵⁰⁾

Temos aí, com a comprovação do quadril da

criança quebrado uma prova de que seu Espírito desligado do corpo físico e na dimensão espiritual teve percepção que, certamente, os materialistas não teriam como explicar.

A transformação radical na vida de Rodonaia, que de ateu convicto passou a ser um sacerdote, formando-se em Psicologia da Religião, é um elemento comum aos que passaram por uma EQM, isso comprova a realidade do seu caso.

Em mar/2003, escrevemos o artigo “**EQM é Prova da Sobrevivência do Espírito**”, no qual citamos, especificamente, esse caso do Dr. Rodonaia ⁽⁵¹⁾. Dele transcrevemos estes nossos comentários:

Início transcrição:

Este fato é um dos muitos casos recentemente pesquisados sobre as experiências de pessoas que passaram por alguma situação em que tiveram uma paralisação completa dos órgãos vitais, foram, portanto, declaradas clinicamente mortas pelos médicos que as examinaram.

Muitos pacientes não percebem absolutamente nada no período em que se

encontraram “desligadas” desse mundo, mas outros contaram o que aconteceu com eles naquele momento.

Os que passam por uma situação dessas, provavelmente, entram num estado de coma. Como, então, foram capazes de perceber fatos acontecidos quando estavam completamente “apagadas”?

E, no caso que relatamos, desse jovem médico que foi congelado, será que os seus neurônios não teriam sido congelados também? Dito de outra forma, será que um cérebro congelado é capaz de funcionar? Então, como ocorreu o funcionamento do seu cérebro, já que deu conta de coisas que aconteceram quando estava “picolé”? Qual a explicação materialista para isso?

Nós podemos dizer que, na verdade, tudo isso não passa de coisas percebidas pelo próprio Espírito, que não necessita dos órgãos físicos para a percepção das coisas.

Um fato muito comum que podemos citar é o de pessoas em que tiveram amputado algum membro do corpo, como, por exemplo, um braço ou uma perna, e continuaram a sentir dor neste membro “fantasma”, se é que podemos assim dizer.

Pessoalmente, conhecemos uma pessoa que era vidência, mas que fisicamente era cega. Muitas das suas percepções foram confirmadas por outros videntes que não tinham nenhuma deficiência visual, atestando, dessa forma, a faculdade de vidente que ela possuía.

É óbvio que alguém poderá querer dizer que tudo é produto do inconsciente. Se dermos a esse inconsciente o nome de Espírito, tudo bem. Se não, queremos ver quem será capaz de nos trazer uma prova convincente contrária ao que estamos afirmando.

Alguém se habilita a ficar congelado por três dias para servir de cobaia a fim de se fazer um teste? É a pergunta que fazemos primeiro aos materialistas, para depois a dirigirmos especialmente a alguns parapsicólogos que vivem se oferecendo para provar que o Espírito não pode perceber e nem realizar mais nada, já que não possui corpo.

Embora o que agora vamos questionar não tem nada a ver com o assunto proposto no título desse nosso texto, mas como se diz popularmente, uma coisa leva a outra: já que houve percepção durante o momento que a pessoa estava “na geladeira” e, se disso aceitarmos, que o Espírito sobrevive à morte do corpo, como queremos concluir, por que não

poderia se comunicar telepaticamente com uma pessoa viva, uma vez que a linguagem dos Espíritos é a do pensamento?

Por que também não poderia exercer uma influência em outro corpo, para, por exemplo, trazer sua mensagem, tendo em vista que, quando vivo, era exatamente isso que fazia com o seu próprio corpo físico?

Questões que levantamos, cujas respostas, para nós, seriam completamente positivas, e que explicariam a possibilidade da comunicação entre os dois planos de vida. ⁽⁵²⁾

Fim transcrição.

O último caso, vamos tirá-lo da obra ***Relatos Verídicos: Experiências de Quase-morte*** (2008), vamos mencionar o interessante caso narrado pelo Dr. Pim van Lommel, constante do capítulo de sua autoria intitulado “Sobre a continuidade da nossa consciência” (2004):

4. ALGUNS ELEMENTOS TÍPICOS DAS EQM

Antes de abordar mais pormenorizadamente alguns aspectos neurofisiológicos do funcionamento do cérebro durante uma paragem cardíaca, gostaria de ponderar novamente certos

elementos das EQM, como a experiência fora-do-corpo, a visão holográfica retrospectiva ou prospectiva da vida das pessoas e o desaparecimento do medo da morte.

4.1. A experiência fora-do-corpo

Nesta experiência, **as pessoas têm percepções verídicas a partir de uma posição fora e acima do seu corpo sem vida**. Essas pessoas têm a sensação de, aparentemente, despirem o seu corpo, como se de um velho casaco se tratasse e, para sua surpresa, **parecem manter a sua própria identidade, com possibilidade de percepção, emoções e perfeita consciência**. Esta experiência fora-do-corpo é **importante do ponto de vista científico porque médicos, enfermeiras e familiares conseguem atestar as percepções relatadas**. Este é o relato de uma enfermeira de uma Unidade de Cuidados Coronários:

“Durante o turno da noite, uma ambulância trouxe para unidade de cuidados coronários **um homem de 44 anos, cianótico e comatoso. Tinha sido encontrado em coma cerca de 30 minutos antes num Prado**. Depois de ser admitido, recebeu respiração artificial sem entubação, enquanto também lhe foram efectuadas massagens cardíacas e desbrilhação. **Quando estávamos prestes a entubar o paciente, descobrimos que ele**



usava dentadura. (53) Eu retiro essa dentadura superior e guardo-a no carrinho de apoio. Entretanto, continuámos a RCP intensiva. Após uma hora e meia, o paciente apresentava ritmo cardíaco e pressão sanguínea suficientes, mas ainda se encontrava ventilado e entubado, e **ainda comatoso.** É transferido para a unidade de cuidados intensivos para dar continuidade à necessária respiração artificial. Só passado mais de uma semana é que volto a ver o paciente, que está de volta à ala de cardiologia. Fui eu que lhe dei a medicação. **Assim que me vê, diz: 'Sim, aquela enfermeira sabe onde está a minha dentadura'.** Fiquei muito surpreendida. Depois, ele explica: **'Você estava lá quando me hospitalizaram e tirou-me a dentadura da boca, e colocou-a naquele carro que tinha todos aqueles frascos em cima e que tinha uma gaveta deslizante por baixo, onde você pôs a minha dentadura.** Fiquei particularmente surpreendida porque **me lembrava que isso acontecera enquanto o homem se encontrava em coma profundo e em processo de RCP.** Quis saber mais. Parece que o homem se tinha visto a si próprio deitado na cama, que se tinha apercebido lá de cima da forma como as enfermeiras e os médicos tinham estado atarefados com a RCP. **Também foi capaz de descrever correcta e detalhadamente o pequeno quarto onde ele tinha sido reanimado, bem como a**

aparência daqueles que estavam presentes, como eu. Na altura em que observou a situação, teve muito medo que nós parássemos a RCP e que ele morresse. **E é verdade que nós tínhamos estado muito negativos do prognóstico do paciente** devido à sua fraca condição médica quando deu entrada. O paciente contou-me que tentou desesperadamente e sem sucesso tornar claro para nós que ele ainda estava vivo e que deveríamos continuar a RCP. Ele ficou profundamente impressionado com esta experiência e diz que já não tem medo da morte. Quatro semanas mais tarde saiu do hospital um homem saudável.” ⁽⁵⁴⁾

É dito que o homem se encontrava em estado “cianótico e comatoso”, ou seja, estava em coma e a pele com cor azulada devido a insuficiente oxigenação do sangue. Certamente, que numa situação dessa, nada poderia perceber do que acontecia à sua volta.

Na obra ***Muitas Vidas, Uma Só Alma*** (2004), o autor Dr. Brian Weiss narra um caso curioso de EQM contendo um importantíssimo detalhe que, sem a menor sombra de dúvida, comprova a realidade do Espírito ou da “consciência extracerebral”, caso se

queira fugir de algo que tenha conotação “espiritual”:

[...] A paciente, **uma senhora idosa** e diabética, havia sido hospitalizada para exames médicos.

Durante a internação, ela **teve uma parada cardíaca e entrou em coma**. Os médicos lutaram freneticamente por ela e pediram ajuda a seu cardiologista. Ele entrou correndo na unidade de terapia intensiva e, com isto, deixou cair sua caneta de ouro, que foi parar debaixo de uma janela. Durante uma rápida pausa no processo de ressuscitação, ele a recuperou.



Ilustração: alma saindo do corpo

Mais tarde, a mulher **contou que, enquanto a equipe trabalhava, ela flutuara sobre seu próprio corpo** e assistira a todo o procedimento de um ponto acima da mesa de remédios, perto da janela. Ela **via tudo que estava acontecendo em volta de seu corpo, ouvia tudo o que os médicos diziam**, mas, para sua frustração, ninguém podia ouvi-la.

Os esforços dos médicos deram resultados e a

mulher voltou à vida.

– Eu assisti a todo o procedimento – ela disse a seu cardiologista. Ele ficou atônito.

– Não é possível. Você estava inconsciente.

Estava em coma!

– Bonita aquela caneta que você deixou cair – ela continuou –, deve ser valiosa.

– Você viu?

– Claro, caiu perto da janela, mas você foi lá recuperá-la – ela contou, e passou a descrever a caneta, a sequência das pessoas que entraram e saíram da UTI e o que cada um havia feito, coisas que ninguém poderia saber sem ter estado lá.

O cardiologista ainda estava abalado dias depois quando me contou o caso. Ele confirmou que tudo o que a mulher dissera tinha de fato acontecido e que as descrições eram precisas. E não havia dúvida de que ela estava inconsciente. Além disso, **ela ficara cega há cinco anos!** A alma podia ver; seu corpo, não. ⁽⁵⁵⁾

A senhora idosa, que ficara cega há cinco anos, é importantíssimo ressaltar, ao dar uma explicação detalhada do que ocorreu à sua volta no espaço de tempo que ficara em coma é mais um caso que somente a crença no Espírito, ou em algo extrafísico no ser humano, poderá fornecer fundamentada numa lógica irrefutável.

O renomado astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925), certamente bem inspirado, disse: “Um único fato bem observado, mesmo que contradiga toda a ciência, tem mais valor do que todas as hipóteses.” (56)

Um morto relata sua EQM

Este é um caso muito curioso, por ter sido relatado pelo Espírito, certo tempo depois de sua morte. Helen Greaves, em ***Além do Véu da Morte*** (1967), é quem o narra com base em sua experiência pessoal. Roger, seu ex-marido,



sofre grave acidente num navio, quando um cabo se rompe e tijolos e pedaços de pedra atingiram sua cabeça, provocando uma hemorragia cerebral. Ficou completamente inconsciente até sua morte.

Do capítulo XII – Consciência no leito de morte, transcrevemos o seguinte trecho:

Repentinamente, uma voz cortou através da minha linha de atenção.

“Morrer é uma experiência estranha, é verdade”, disse a voz.

Roger! As folhas do jornal caíram no chão, como

um vagalhão, Fechei os olhos e tentei manter minha mente relaxada. “Pode contar-me a respeito disso?” perguntei, mentalmente.

“Você sabe, ouvi cada palavra que aquele interno disse para Mike, no hospital, Lena.”

“Que interno?”

“Mike não lhe contou? Penso que ele não quis falar sobre isso. Mas está certo. Eu falo! Agora estou bem, você sabe, Bub. Não me lembro de nada do que aconteceu comigo depois que aquele cabo se rompeu e o peso caiu sobre a minha cabeça. Mas, de algum modo, tive conhecimento de que estava no hospital. Percebi que Mike estava sentado ao meu lado. Eu estava num pequeno quarto particular. Você sabia disso?”

Sabia. Michael me contara, sem grandes pormenores. Contudo, ele insistia em que Roger jamais chegara a recuperar a consciência. Como, então, Roger poderia saber?

Aguardei.

“A Irmã veio e conversou com Mike. Ela mostrou ser uma velhota confortadora, e foi muito bondosa para com o garoto. Ele estava extraordinariamente abalado, você sabe. Mais tarde ele não deixou que você percebesse isso, mas eu podia ver como se sentia. Depois de algum tempo, a Irmã foi embora. Mike ficou sozinho comigo. Tentei conversar com ele, Lena. Oh, Deus, tentei com tanto empenho! Não pude mover meus lábios ou qualquer outra coisa. Pensei que estava paralisado, e isso me pregou um susto!”

“Pobre Roger!”

“Pobre não, de modo algum, Bub!” (O velho temperamento irrefreável!)

“O que houve com o interno?”

Tão clara e limpidamente, como se ele estivesse sentado diante de mim, contando-me a respeito de um dia em uma das suas viagens. Roger continuou falando, só que a voz estava dentro da minha cabeça, uma espécie de telepatia de mente para mente.

“Você sabe,” prosseguiu ele, como se eu não tivesse feito a pergunta (e isto era característico de Roger, cujos pensamentos sempre tinham corrido à frente da sua língua!) – “foi a mais estranha das sensações. Eu estava ali e não estava ali se você compreende o que quero dizer. Eu não parecia estar na cama, de modo algum. Nem mesmo estava dentro do meu corpo. Eu podia ver meu corpo sobre a cama. **Estava deitado acima dele, Lena!** Igual a um helicóptero pairando no ar. Não podia mover-me. Não podia me afastar daquele corpo, e também não podia voltar para dentro dele. Uma sensação muito esquisita. Fiquei intrigado com isso. E fiquei preocupado, também, porque pensei que tinha perdido o segredo de voltar. Antes eu já tinha feito esta espécie de coisa, em sonhos, só que sempre saltava para dentro do meu corpo, quando acordava. Mas agora parecia que eu não ia acordar. Contudo, pior do que aquilo, eu ainda podia ouvir e ver, embora não com os meus olhos, de modo algum. **E eu não podia falar!** Isso me deixou confuso, Lena. Eu que ria conversar com

Mike.”

As palavras pararam de formar-se em minha mente. Fiquei com medo de que Roger tivesse ido embora.

“E o interno?” insisti.

“Oh, ele era um sujeito jovem, um dos médicos da casa. Diplo mara-se poucos meses antes. Estudara na Universidade Dalhousie. Usava um avental branco e sua aparência era muito jovem. Ele sentou e conversou com Mike durante um longo tempo. Os dois trocaram ideias. Mike falou-me sobre a Universidade McGill. Lena, **eu ouvi cada palavra daquela conversa!**” Uma longa pausa. “Mike é um bom garoto, Lena!”

Sim, pensei, nós tínhamos um filho muito bom; ele fora de muita ajuda na questão do funeral.

“Mike disse algo a meu respeito. Isso me deixou orgulhoso. Você sabe, foi esquisito ouvir furtivamente. **Mas eu pude sentir a afeição dele,** Lena! Isso ajudou. Oh, sim, isso ajudou um bocado!” Tensa e concentrada, a fim de não perder uma só palavra desta evidência maravilhosa, permaneci absolutamente imóvel, escutando. Meus olhos estavam fechados. O ar da noite começava a trazer frio pelas janelas abertas, mas, com medo de romper o contato, não ousei levantar-me e fechá-las. Embora os aquecedores irradiassem calor, estremei ligeiramente. E então, foi como se Roger respondesse o pensamento que eu não tinha expressado. “Eu sabia que você não poderia estar lá, Lena. Mas fiquei satisfeito pelo fato de Mike estar. E também muito feliz por ouvir as

palavras dele. Ele disse: **'É uma coisa abominável! Meu velho andou pelo mundo inteiro e atravessou duas guerras mundiais, no mar, sem receber um arranhão! E agora um cabo se rompe e ele é atingido desta maneira. Mas que coisa abominável que é isso!'**"

"E então, Lena, Mike chorou um pouco. Havia lágrimas nos olhos dele. Aquele rapaz gostava de mim, Lena..."

Houve uma pausa. Eu estava contente porque o passamento Roger fora suavizado por seu filho.

"É uma ajuda saber que o seu garoto respeita você, Lena... "E ama você, Roger."

"Diga a ele que eu lhe falei sobre isto. Agradeça-lhe por ter ficado ao meu lado. Você não imagina o quanto isso me fez bem. Ele um bom menino..."

"E quanto a você? O que está fazendo agora, Roger?"

"Eu? Estou mais forte. Estou passando por uma espécie de repouso."

"Fale-me sobre isso."

"Agora não. O tempo acabou..."

[...].

Durante alguns dias não pude conversar com Michael sobre a extraordinária revelação. Ele estava muito ocupado, estudando para os exames. E assim, tive que me contentar e ponderar sobre aquelas coisas, no meu íntimo. Quase quatro dias se passaram antes de que eu pudesse ter um momento a sós com ele.

Então, meu filho veio jantar conosco. Depois do jantar, minha amiga saiu para visitar uma vizinha. A esposa de Michael ficara trabalhando até tarde, no escritório, e por isso não tinha vindo. Nós dois estávamos sozinhos, como se aquilo tivesse sido planejado.

“Mike,” comecei, recorrendo ao nome que Roger sempre usara para ele, embora geralmente preferisse a forma não abreviada. “Gostaria de fazer uma pergunta.”

“Sim?” Pude notar que Michael estava constrangido. Depressa, ele olhou para mim. “Andou ouvindo papai, de novo?”

Fiz um aceno afirmativo. Depois, bem depressa, mergulhei. “Mike, quando estava com seu pai, no hospital, um jovem interno veio e conversou com você?”

Suas sobrancelhas se ergueram, quase chegando até a raiz dos seus cabelos. “Sim.”

“E, antes dele, uma Irmã, do hospital?”

“Mamãe!”

“Como era ela? Formal?”

“De maneira alguma! Era uma pessoa confortadora. Bondosa.”

Uma velhota confortadora, dissera Roger? Senti maior confiança no terreno onde estava pisando.

“Você me contou que seu pai estava sozinho, num quarto pequeno. É certo, não é?”

Michael acenou afirmativamente. “O que **significa** tudo isso, mamãe?”

“Explicarei num minuto. Só mais uma pergunta. Você conversou, com aquele interno, sobre a faculdade de medicina de McGill? Vocês compararam notas concernentes às aulas?”

Michael tornou a fazer um aceno afirmativo. Encostou um cigarro na chama do seu isqueiro. Depois, levantou-se e ficou de pé diante de mim, alto e galante, uma das mãos metida no bolso do paletó. Seus olhos castanhos estavam sérios e graves.

“Sim.”

Desviei meu olhar. Seria mais fácil dizer o que tinha para dizer, sem encarar a gravidade daqueles olhos límpidos e jovens.

“Seu pai me contou tudo isso, Mike. Ele me descreveu tudo isso.”

Ouvi o seu súbito arquejo de espanto.

“Espere”, falei, apressadamente, pois ele estava se preparando para me interromper, **“papai disse que ouviu cada palavra que você pronunciou Mike.”**

“Mas, ele estava **inconsciente**, mamãe!” O treinamento médico dava autoridade e punha em dúvida a minha afirmação. Senti que estava sendo reprovada.

“Papai estava morrendo, querido.” Eu não podia olhar para Michael. “Seu pai estava **fora do corpo**. Estava justamente abandonando esse corpo. Não podia mover-se ou falar. Mas podia ouvir e ver, Michael. Ele ouviu o que você disse.”

“Mamãe!”

Espicaçada pela descrença que havia em sua voz, voltei-me e olhei para ele de frente.

“Juro que isto é verdade, Michael.” Nossos olhares se encontraram e se mantiveram unidos. No dele havia ansiedade pelo estado da minha mente, que era capaz de aceitar tais impossibilidades. Eu podia ver que ele estava preocupado comigo. Obriguei-me a prosseguir. Isto tinha que ser dito, e precisava ser dito agora. **“Ouça, querido. Papai repetiu, para mim, as palavras exatas que você usou. O que ele me contou que você disse ao interno, foi isto: 'É uma coisa abominável! Meu pai atravessou duas guerras mundiais e também viajou pelo mundo todo. E agora acontece um acidente com um cabo e ele é atingido dessa maneira. Mas que coisa abominável que é isso...’”** Fiz uma pausa para tomar fôlego. “Michael, você falou isso?”

Michael caminhou até a janela. Afastou a cortina e ficou olhando a rua, lá embaixo. Depois do que me pareceu um século, sua voz chegou até mim.

“Falei exatamente isso, mamãe.”

O alívio quase me fez desmaiar.

Logo em seguida, Michael perguntou: “Mamãe, a senhora tem procurado médiuns?”

Como eu podia dizer a meu filho que eu mesma 'ouvira' seu pai? O que ele iria pensar se eu contasse que também desenvolvera esta percepção extrassensorial? Que também podia perceber as entidades vindas de um outro mundo?

Estremeci, mas, quando respondi, procurei manter minha voz livre de qualquer emoção.

“Não, não tenho. Eu mesma **ouvi** seu pai. Não precisamos pro curar médiuns quando alguém é muito ligado a você, mesmo que esse alguém esteja naquela condição que o mundo chama de 'morto'. Mesmo assim ainda existe aquele laço de afeição que é necessário para confortar aqueles que ficaram para trás. Michael, seu pai me contou muitas coisas referentes ao período em que ele ficou no 'hospital', quando você estava junto dele. Ele quer que você saiba o quanto foi auxiliado por seu amor e por seu respeito. Ele tentou falar-lhe. Queria dizer o quanto se orgulhava de você. Pedi-me que lhe dissesse que...”

Durante um longo tempo, Michael não falou nada. Ficou com as costas voltadas para mim. Quando, por fim, respondeu, suas palavras estavam tão cheias de uma preocupação de menino que fiquei co movida.

“Papai não podia falar! Se aquilo que a senhora diz é verdade, então ele podia me ouvir. E não podia falar comigo!” exclamou meu filho, com voz embargada. “Pobre papai!”

Quando recobrou a calma, Michael sentou-se ao meu lado e relatei, mais pormenorizadamente, tudo aquilo que Roger tinha comunicado. Meu menino não fez muitos comentários. Ouviu com uma compreensão cheia de gravidade. Fiquei surpreendida porque nunca tinha falado muito a respeito destas coisas, embora Michael já soubesse, desde longo tempo, que eu estava

interessada nas pesquisas psíquicas.

Depois que terminei, ele disse, calmamente. “Não duvido do que a senhora me contou, mamãe. Não posso duvidar. A verdade foi essa, exatamente. Eu próprio gostaria de estudar esses assuntos, mas, primeiro tenho que abrir meu caminho no mundo. Contudo, estou contente porque papai está bem. E porque ele sabe a respeito... daquelas horas no hospital...”

Depois disso ficamos sentados, um junto ao outro e em silêncio, cada um preso em pensamentos profundos. Tive a impressão de que a figura nebulosa de uma terceira pessoa partilhou desses pensamentos, e partilhou, também, o afeto que fluía entre nós; e ficou em paz.

E era assim que devia ser. ⁽⁵⁷⁾ (grifo do original)

Tudo quanto Helen Greaves “captou” do pensamento do Roger, sobre sua percepção do que aconteceu a seu redor, quando inconsciente no hospital, seu filho Michael confirmara à mãe.

EQMs em crianças e em cegos

O Dr. Sam Parnia, MD, Phd, fundador do Grupo de Investigação da Consciência, na Universidade de Southampton, com 12 anos de pesquisa sobre a vida após a morte, reconheceu que “[...] descobri que a natureza da mente era uma área da consciência totalmente desconhecida, [...].”⁽⁵⁸⁾ Isso é bem interessante, pois não há base para considerar as EQMs como simples produto da imaginação.

No capítulo “As EQMs também ocorrem com crianças?”, do livro **O Que Acontece Quando Morremos**, Parnia narra um caso do qual destacamos o seguinte trecho:

O caso envolvendo [...] **um bebê de 6 meses de idade**. Ele tinha sido internado para receber cuidados intensivos [...] com grave problema nos rins. [...] Enquanto crescia, seus pais notavam que, **todas as vezes em que ele passava por um túnel, tinha um ataque de pânico**. Isso acontecia, por exemplo, se a família estivesse dirigindo o carro por um túnel ou quando brincava com seus irmãos e entrava num túnel de parquinho infantil.

Finalmente, quando completou 4 anos, seus pais tentaram explicar a morte iminente de seu avô, e o mesmo **havia dito que tinha morrido também, e relatou sua experiência na UTI.** [...]. (59)

É impressionante que um episódio, ocorrido na época que o paciente possuía apenas 6 meses de vida, tenha sido tão forte e marcante a ponto de provocar “ataques de pânico” na criança quando ela passava por túneis.

Do livro ***Relatos Verídicos. Experiência de Quase-Morte***, do capítulo “As EQMS em pessoas cegas”, transcrevemos:

Os psicólogos norte-americanos Kenneth Ring e Sharon Cooper realizaram um estudo a 21 pessoas cegas que tiveram experiências de quase-morte. Todas de origem caucasiana e majoritariamente cristãs, variavam fortemente em relação aos estudos alcançados e à ocupação profissional.

16 dessas pessoas tinham sobrevivido a uma EQM, enquanto outras cinco tinham passado quer por uma EQM quer por uma ou mais experiências fora-do-corpo. 13 das pessoas tiveram a sua experiência na sequência de uma doença ou de uma intervenção cirúrgica; seis na sequência de um acidente (normalmente de

viação); duas foram assaltadas; uma foi violada e quase morreu; uma quase morreu em combate; e outra sobreviveu a uma tentativa de suicídio. Este total dá 24 casos, já que três das pessoas tiveram duas EQMs e foram consideradas duas vezes no estudo.

Do total de pessoas, **14 eram cegas de nascença**, 11 cegaram algures após os cinco anos de idade, e seis pessoas tinham a visão gravemente danificada. ⁽⁶⁰⁾

Acreditamos ser interessante transcrever pelo menos um relato dessa obra, que será mantido no português de Portugal:

CASO N.º 1

Vicki Umipeg, 43 anos, nasceu prematura e, devido a uma falha na regulação de oxigénio na incubadora, **sofreu uma lesão no nervo óptico que a deixou completamente cega**. Ela **nunca conseguiu ver nem ter qualquer percepção da natureza da luz**. Vicki passou por duas experiências próximas da morte, muito parecidas uma com a outra e separadas por um período de dez anos. Estes são excertos do relato da sua segunda experiência, a mais intensa das duas, que ocorreu em 1973, quando ela tinha 22 anos, na sequência de um acidente de viação.

A jovem trabalhava na altura num bar em Seattle. Uma noite, depois de sair, não

conseguindo apanhar um táxi casa, acabou por aceitar a boleia de duas pessoas que estavam que a levasse a alcoolizadas. Na sequência do acidente, Vicki foi projectada para fora da viatura e ficou seriamente ferida, com um traumatismo craniano e lesões no pescoço, nas costas e numa perna.

Vicki recorda claramente o assustador prelúdio do acidente, mas tem apenas uma vaga recordação do que se passou a seguir. Lembra-se de se ver a si própria fora do corpo e de dar uma vista de olhos muito rápida à carrinha Volkswagen acidentada. Repentinamente voltou ao seu corpo. Apesar de este aspecto da sua experiência ter sido confuso, ela alega que na altura estava consciente de que, enquanto esteve fora do corpo, se encontrava dentro de um outro corpo não-físico, cuja forma era diferente e 'como se fosse feito de luz.'

Não se recorda da viagem de ambulância até ao hospital de Harborview, mas após ter chegado às urgências, **deu consigo a flutuar no tecto da sala, observando lá em baixo um médico e uma mulher** (talvez uma outra médica ou enfermeira) **a mexerem no seu corpo**. Ela tem a certeza de que era ela própria que ali estava deitada:

“Eu sabia que era eu... Eu era muito magra na altura. Era bastante alta e magra. E percebi, inicialmente, que aquilo era um corpo, mas na altura nem sabia que era o meu. Depois, percebi que estava no tecto e pensei: 'bem... que estranho. O que estou a fazer aqui em cima?' E pensei: 'Bem, esta devo ser eu. Estou morta?...' Vi

aquele corpo e... sabia que era meu porque eu não estava dentro dele.”

Quase de imediato, **Vicki deu por si a subir acima dos tectos do hospital até se encontrar por cima do próprio edifício e conseguir ver os arredores.** Os sentimentos que descreve desse momento são de grande liberdade e bem-estar. De repente, percebeu que estava a ser sugada para dentro de um túnel escuro que a puxava em direcção a uma luz. Quando chegou à saída do túnel, ‘rolou’ para fora e deu consigo deitada sobre relva, rodeada de árvores e flores, e de muitas pessoas. Encontrava-se num sítio de muita luz, luz essa que Vicki diz ter conseguido ver e sentir. Até as pessoas que via eram luminosas.

“Toda a gente ali era feita de luz. E eu era feita de luz. A luz transmitia amor. Havia amor em todo o lado. Era como se o amor viesse da relva, dos pássaros, das árvores.”

Vicki reconheceu cinco dessas pessoas que lhe davam as boas-vindas. Viu Debby e Diane, amigas de escola que tinham morrido anos antes, com 11 e 6 anos de idade, respectivamente, e que Zilk, que também já tinha morrido e que tinha cuidado dela na surgiam ali luminosas, lindas, cheias de saúde e vivas. Viu o casal infância, e viu a sua avó, que a tinha criado e que tinha falecido dois anos antes. Vicki diz que nenhuma palavra foi trocada durante este encontro. Apenas sentimentos de amor e de boas-vindas. De repente, tudo começou a fazer sentido para ela.

“Tive a sensação de que conhecia tudo ali...”

como se tudo fizesse sentido. Sabia que era ali... aquele lugar era onde eu iria encontrar as respostas para todas as questões acerca da vida, acerca dos planetas e acerca de Deus, e acerca de tudo... Era como se aquele lugar fosse o conhecimento.”

Ao seu lado, surgiu então uma figura cuja luminosidade era maior do que qualquer outra e que a convenceu de que estava na hora de regressar. Tomada de dúvida, a jovem foi lembrada do seu desejo de ter filhos e foi esse desejo que a fez consentir no regresso. Antes, porém, esse ser de luz mostrou-lhe algo espantoso: Vicki conseguiu ver a sua vida em retrospectiva, “tudo desde o meu nascimento.” A seu lado, o ser de luz foi ajudando-a a perceber o significado das imagens, das acções da jovem e das suas repercussões. A última coisa de que ela se lembra após o término desta visão panorâmica são as palavras “tens de ir embora agora”. Sentiu depois um impacto estranho, como se estivesse numa espécie de montanha-russa a andar para trás, e deu por si de volta ao seu corpo, sentindo-se pesada e cheia de dores. (61)

Retornando ao que foi falado antes de narrar o caso, lemos:

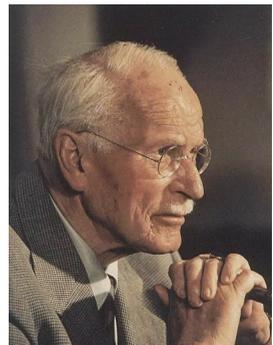
A primeira conclusão a que Ring e Cooper chegam com o seu estudo é a de que **as pessoas cegas, mesmo aquelas que o são desde**

nascença, têm, de facto, experiências de quase-morte. A segunda conclusão a que chegam é que **estas EQMs são idênticas às das pessoas que veem,** ou seja, os cegos relatam experiências cujos elementos se mantêm fiéis ao protótipo descrito por Raymond Moody: sentimentos de grande paz e bem-estar, separação do corpo físico, viagem através de um túnel escuro, encontro com uma luz, retrospectiva da vida, etc.

A terceira conclusão a que os autores chegam é a da **existência provas de que os cegos veem durante as EQMs.** Fora do corpo físico, as luzes, as cores e as pessoas tornam-se realidades como outras quaisquer. Se elas não conseguissem ver durante a experiência, como admitir as descrições que se seguem? [...]. ⁽⁶²⁾

Certamente que aqueles que não acreditam em algo extrafísico no ser humano, não conseguem explicar essa ocorrência se apoiando somente no viés materialista do qual são defensores.

Carl Gustav Jung (1875-1961) (foto ⁶³), considerado o pai da Psicologia Analítica, além de psiquiatra e psicoterapeuta, foi estudioso das artes, mitologias e religiões, sendo considerado o primeiro psicólogo da *New Age*



(Nova Era) e um dos maiores intelectuais do século XX. ⁽⁶⁴⁾ De sua obra **Memórias, Sonhos, Reflexões**, transcrevemos:

No início de 1944 fracturei um pé e logo depois **tive um enfarte cardíaco. Durante a inconsciência tive delírios e visões** que provavelmente começaram quando, em perigo de morte, administraram-me oxigênio e cânfora. As imagens eram tão violentas que eu próprio concluí que estava prestes a morrer. [...].

Parecia-me estar muito alto no espaço cósmico. Muito ao longe, abaixo de mim, eu via o globo terrestre banhado por uma maravilhosa luz azul. Via também o mar de um azul intenso e os continentes. Parecia-me estar muito alto no espaço cósmico. Muito ao longe, abaixo de mim, eu via o globo terrestre banhado por uma maravilhosa luz azul. Via também o mar de um azul intenso e os continentes. Justamente sob os meus pés estava o Ceilão e na minha frente estendia-se o subcontinente indiano. **Meu campo visual não abarcava toda a Terra, mas sua forma esférica era nitidamente perceptível e seus contornos brilhavam como prata através da maravilhosa luz azul.** Em certas regiões, a esfera terrestre parecia colorida ou marchetada de um verde escuro como prata oxidada. Bem longe, à esquerda, uma larga extensão – o deserto vermelho-alaranjado da Arábia. Era como se ali a prata tivesse tomado uma tonalidade alaranjada. Adiante o Mar Vermelho e mais além, como no

ângulo superior esquerdo de um mapa, pude ainda perceber uma nesga do Mediterrâneo. Meu olhar voltara-se sobretudo para essa direção, ficando o restante impreciso. Evidentemente via também os cumes nevados do Himalaia, mas cercados de brumas e nuvens. Não olhava “à direita”. Sabia que estava prestes a deixar a Terra.

Mais tarde informei-me de que distância dever-se-ia estar da Terra para abarcar tal amplitude: cerca de mil e quinhentos quilômetros! O espetáculo da Terra visto dessa altura foi a experiência mais feérica e maravilhosa da minha vida.

Após um momento de contemplação eu me voltei. Postara-me, por assim dizer, dando as costas ao Oceano Índico com o rosto voltado para o norte. Parecia-me agora virar em direção ao sul. Algo de novo surgiu no meu campo visual. A uma pequena distância percebi no espaço um enorme bloco de pedra, escuro como um meteorito, quase do tamanho de minha casa, talvez um pouco maior. A pedra flutuava no espaço e eu também.

Vi pedras semelhantes nas costas do Golfo de Bengala. São blocos de granito marrom escuro, nos quais às vezes se escavavam templos. Minha pedra era também um desses escuros e gigantescos blocos. Uma entrada dava acesso a um pequeno vestíbulo; à direita, sobre um banco de pedra estava sentado na posição de lótus, completamente distendido e repousado, um hindu de pele bronzeada vestido de branco. Esperava-me sem dizer uma palavra. Dois degraus conduziam a esse vestíbulo: no interior, à

esquerda, abria-se o portal do templo. Vários nichos cheios de óleo de coco em que ardiam mechas cercavam a porta de uma coroa de pequenas chamas claras. Isso eu realmente vi em Kandy na ilha do Ceilão, quando visitava o templo do Dente Sagrado; inúmeras fileiras de lâmpadas a óleo cercavam a entrada dele.

[...].

[...] um fato atraiu minha atenção: de baixo da Europa, ergueu-se uma imagem: era meu médico, ou melhor sua imagem, circundada por uma corrente de ouro ou por uma coroa de louros dourada. Pensei imediatamente: “Ora veja! é o médico que me assistiu! Mas agora aparece em sua forma primeira, como um *Basileus de Cos*.⁽⁶⁵⁾ Durante sua vida fora um avatar desse *Basileus*, a encarnação temporal da forma primeira, que existe desde sempre. Ei-lo agora em sua forma original.”

Sem dúvida eu também estava na minha forma primeira. Não cheguei a percebê-lo, somente imagino que deva ter sido assim. Quando ele chegou diante de mim, pairando como uma imagem nascida das profundezas, produziu-se entre nós uma silenciosa transmissão de pensamentos. Realmente meu médico fora delegado pela Terra para trazer-me uma mensagem: protestavam contra a minha partida. Não tinha o direito de deixar a Terra e devia retornar. No momento em que percebi essa mensagem a visão desapareceu.

Decepcionei-me profundamente; tudo parecia ter sido em vão. O doloroso processo de

“desfolhamento” tinha sido inútil: não me fora permitido entrar no templo, nem encontrar os homens entre os quais tinha o meu lugar.

Na realidade passaram-se ainda três semanas antes que me disse a viver; não podia alimentar-me, tinha aversão pelos alimentos. O espetáculo da cidade e das montanhas que via do meu leito enfermo parecia uma cortina pintada com furos negros ou uma olha de jornal rasgada com fotografias que nada me diziam. **Decepcionado, pensava: “Agora é preciso voltar ‘para dentro das caixinhas.’”** Parecia, com efeito, que atrás do horizonte cósmico haviam construído artificialmente um mundo de três dimensões no qual cada ser humano ocupava uma caixinha. E de agora em diante deveria de novo convencer-me que viver nesse mundo tinha algum valor! **A vida e mundo inteiro se me afiguravam uma prisão** e era imensamente irritante pensar que encontraria tudo na mesma ordem. **Apenas experimentara a alegria de estar despojado de tudo e eis que de novo me sentia – como todos os outros homens – preso por fios dentro de uma caixinha. Quando estava no espaço não tinha peso e nada podia me atrair.** E agora, tudo terminado! Sentia resistência contra meu médico porque ele me reconduzira à vida. Por outro lado, inquietava me por ele: “Por Deus, ele está ameaçado! Não me apareceu sob a forma primeira? Quando alguém chega a essa forma é que está para morrer e desde então pertencer à sociedade de “seus verdadeiros semelhantes”. [...]. (66)

Muito interessante esse relato de Jung, narrando sua experiência, que foi tomada como “delírios e visões”, mas, na realidade, ele bem vivenciara uma autêntica EQM.

A situação de inconsciência, alegada por ele, só existe para a vida de relação, porquanto, a alma jamais sofrerá alguma influência dela.

Uma EQM na “própria pele”

No livro *Do Outro Lado da Vida*, os autores Dr. Melvin Morse, autor de vários livros e artigos sobre experiências de quase morte em crianças ⁽⁶⁷⁾ e Paul Perry, autor do best-seller *Evidência da Vida Após a Morte: A Ciência das Experiências de Quase-morte*, evidenciam a grande realidade:

[...] **A maioria dos neurologistas** não está interessada em estudar a consciência. Ao **negar a existência da alma**, os cientistas **definem o cérebro limitado às reações dos neurônios e às eletroquímicas**, que causam um comportamento observável. Admitir além disso seria confessar que existe mais na mente humana do que simplesmente o cérebro. ⁽⁶⁸⁾

O caso que nos interessa e vamos relatar, aconteceu com o médico norte-americano Eben Alexander III, sobre o qual informamos:

[...] neurocirurgião há mais de 25 anos, tendo trabalhado durante 15 anos no Brigham &

Women's Hospital, no Children's Hospital e na Harvard Medical School, em Boston.

Ao longo de sua carreira acadêmica, publicou mais de 150 artigos e participou de mais de 200 congressos. ⁽⁶⁹⁾

Em 24.03.2013, no programa “Fantástico” da Rede Globo de Televisão, foi apresentada a reportagem: “Neurocirurgião volta do coma e se convence que há vida após a morte”. Nela foi relatada a experiência de quase-morte vivenciada por Eben Alexander III.

Esse caso é extraordinário porque ele era bem cético, antes de sua própria experiência de EQM, ocorrida em nov/2008, quando, por sete dias, ficou em coma profundo, causado por uma rara meningite.

Defensor vigoroso da “lógica científica”, até então não aceitava a EQM como real; considerava-a totalmente impossível; porém, após vivenciá-la, na própria pele, diz que “voltou convencido de que existe vida do outro lado” (FANTÁSTICO, 2013).

A partir dessa sua experiência pessoal, muda de posição, passando a defendê-la, de maneira até

veemente, como uma realidade.

Na obra ***Uma Prova do Céu (A Jornada de um Neurocirurgião à Vida Após a Morte)***, Eben Alexander III relata sua experiência, onde deixa bem claro que:

[...] **as conclusões são baseadas em uma análise médica da minha experiência** e na minha familiaridade com os conceitos mais avançados da neurociência e dos estudos da consciência. [...].
(⁷⁰)

E, um pouco mais à frente, arremata:

[...] **sei a diferença entre a fantasia e a realidade**, e posso assegurar que **a experiência que estou tentando transmitir aqui**, ainda que de forma vaga e insatisfatória, **foi de longe a experiência mais real de minha vida.** (⁷¹)

Sua mudança foi bem radical, teve, inclusive, a dignidade de, sem rodeios, afirmar: “Antigamente, eu jamais usaria a palavra espiritual no meio de uma conversa científica. Hoje acho que não podemos deixá-la de fora.” (⁷²)

Também penitencia-se dizendo:

[...] **Lamento nunca ter levado isso a sério, nunca ter estudado com atenção** o que meus pacientes contavam sobre suas experiências. Eu nunca sequer tive curiosidade para ler a literatura médica sobre o assunto. ⁽⁷³⁾

[...] Quanto mais meu raciocínio lógico retornava, mais eu via com clareza que o que aprendi durante décadas de estudo e prática médica conflitava radicalmente com o que vivi naqueles sete dias, e **mais eu tinha certeza de que a mente e a personalidade (ou alma, espírito, como queira chamar) continuam a existir depois da morte do corpo**. Eu precisava contar essa história para o mundo. ⁽⁷⁴⁾

Porém, **vale lembrar que, quando estive em coma, meu cérebro não estava funcionando**. A parte responsável por criar o mundo em que eu vivia e por fazer **as informações chegarem aos meus sentidos estava simplesmente desligada. E, no entanto, eu estava vivo, desperto, verdadeiramente consciente**, em um universo marcado pelo amor, pela consciência e pela realidade. Isso para mim era um fato indiscutível. ⁽⁷⁵⁾ (itálico do original)

Após sua experiência, definitivamente, ele se libertou de certas convenções humanas e, sem medo

algum do que poderiam dizer a seu respeito, revela:

De certa forma, vivi uma avalanche de experiências de quase morte. Como **neurocirurgião** com décadas de pesquisa e prática, eu estava em **melhor posição para avaliar não apenas a realidade**, mas as *implicações* do que ocorrera.

E essas implicações são extraordinárias. **Minha experiência mostrou que a morte não é o fim da consciência e que a existência humana continua no além-túmulo**. E, mais importante ainda, ela se perpetua sob o olhar de um Deus que nos ama e que se importa com cada um de nós, com o destino do Universo e de todos os seres contidos nele. ⁽⁷⁶⁾ (itálico do original)

[...] Quando percebi a verdade por trás da minha jornada, soube que *precisava* contá-la. Fazer isso da melhor maneira possível se tornou a principal tarefa de minha vida.

Isso não significa que eu tenha abandonado a atividade médica e a carreira de neurocirurgião. Mas agora que **tive o privilégio de entender que a vida não termina com a morte do corpo ou do cérebro**, [...]. ⁽⁷⁷⁾ (itálico do original)

É louvável a posição assumida por Eben Alexander III, pois há pessoas que mesmo vivenciando certas experiências espirituais,

continuam a negar a existência de algo além da matéria, mantendo-se irredutível na sua crença.

O seu segundo livro sobre o tema foi *Mapa do Céu (Como a Ciência, a Religião e as Pessoas Comuns Comprovam a Vida Após a Morte)*, publicado em 2014. Segundo consta na [Wikipédia](#), nessa obra:

[...] enquadrou suas **observações** com citações de professores espirituais e **as emparelhou com o recente trabalho de cientistas** com o objetivo de fazer a ponte entre religião e ciência. **Ele cruzou experiências espirituais de leitores e diferentes religiões** para construir seu caso sobre como o céu se parecia. ⁽⁷⁸⁾

Eben Alexander III, já trabalhando com protocolo e rigor científicos, apresenta mais elementos que convencerão alguns dos céticos da realidade do “algo extrafísico” em nós, mas dobrar a todos eles é utopia que não alimentamos.

Os pesquisadores

Nossa intenção é citar alguns destacados pesquisadores para se evidenciar que, na atualidade, várias são os que se dedicam a investigação da EQM, utilizando-se do formato acadêmico.



Dr. Raymond Moody, psiquiatra e psicólogo estadunidense, é considerado o pioneiro na pesquisa da EQM, no seu livro ***A Vida Depois da Vida***, comprova a sobrevivência da consciência:

[...] a descrição dos eventos testemunhados enquanto fora do corpo conferem muito bem com o que de fato ocorreu. **Vários médicos** me disseram, por exemplo, que **ficam desconcertados ao ver como pacientes sem conhecimento médico podem descrever, em detalhes e tão corretamente, o procedimento usado nas tentativas de ressuscitá-los**, muito embora esses eventos tenham acontecido enquanto os médicos

sabiam que os pacientes envolvidos estavam “mortos”. (79)

Os médicos, materialistas em sua grande maioria, têm mesmo que fiquem desconsertados, já que não conseguem explicar tais ocorrências. E assim continuarão, até que, pacificamente, aceitem a realidade da alma.

Em **Relatos Verídicos. Experiências de Quase-morte**, temos a seguinte explicação do médico holandês **Dr. Pim van Lommel**, especializado em cardiologia, pesquisador na área de estudos de experiências de quase-morte – EQM:

[...] As Experiências de Quase-Morte (EQM) ocorrem com maior frequência devido às taxas de sobrevivência mais elevadas resultantes das modernas técnicas de reanimação. **O conteúdo das EQM e os seus efeitos nos pacientes parecem ser semelhantes em todo o mundo, independente de culturas e épocas.** A natureza subjectiva e a ausência de um enquadramento para esta experiência levam a factores individuais, culturais e religiosos determinem o vocabulário utilizado para descrever e interpretar a experiência. A EQM pode ser definida como a memória que é relatada de todas as **impressões que ocorreram**

durante um estado especial de consciência, tais como uma experiência fora-do-corpo, sentimentos agradáveis, visão de um túnel, de uma luz, de familiares falecidos ou de uma retrospectiva da vida. São descritas muitas circunstâncias durante as quais ocorre as EQM, tais como paragem cardíaca (morte clínica), choque após perda de sangue, lesão cerebral traumática ou hemorragia intracerebral, quase-afogamento ou asfixia, mas também doenças graves cujo perigo de vida não é imediato. [...].⁽⁸⁰⁾

Portanto, vemos que o fenômeno da EQM é uma ocorrência universal, relato sobre ele é encontrado mundo afora e, como dito: “O conteúdo das EQM e os seus efeitos nos pacientes parecem ser semelhantes em todo o mundo, independente de culturas e épocas.”

No livro **Relatos Verídicos. Experiências de Quase-morte**, autoria de Manuel Domingos, pesquisador e investigador de EQM, que, em 2008, época da publicação, era presidente da Sociedade Portuguesa de Neuropsicologia, além de Pim van Lommel, já citado, encontramos mais onze outros⁽⁸¹⁾:

– Raymond Moody Jr (prof. Filosofia e iniciador)

- Melvin Morse (Pediatra, EQM em crianças)
- P. M. H. Atwater (investigadora e escritora)
- Kenneth Ring (psicólogo)
- Peter Fenwick (neuropsiquiatra)
- Bruce Greyson (psiquiatra)
- Michael Sabom (cardiologista)
- Sharon Cooper (psicólogo)
- Stevenson (psicólogo)
- Mário Simões (psiquiatra)
- Víctor Rodrigues (psicólogo)

Eis, nessa lista, uma boa amostra do interesse que, na atualidade, a EQM vem despertando no meio acadêmico.

O **Dr. Sam Parnia** é o nosso próximo personagem, sobre ele temos no site Wook:

O Dr. Sam Parnia é um dos maiores especialistas mundiais em estudos científicos sobre a morte, o estado da mente humana e experiências de quase-morte. Divide a sua

actividade académica entre as pesquisas nos hospitais do reino Unido e a Cornell University, em Nova Iorque. Fundou o Consciousness Research Group, na Universidade de Southampton.

Lidera um estudo académico verdadeiramente inovador, em colaboração com vários centros médicos em todo o mundo, cuja finalidade é descobrir cientificamente o que acontece quando morremos. ⁽⁸²⁾

No cap. 4 – O paradoxo científico, da obra **Que Acontece Quando Morremos**, o Dr. Sam Parnia apresenta o dilema da ciência médica:

Agora minha busca por respostas estava se tornando cada vez mais interessante. **Era de fato incrível que tantos médicos respeitados, trabalhando com pacientes em estado praticamente terminal, tivessem tido suas próprias EQMs.** Havia realmente alguma coisa extraordinária acontecendo... Como as pessoas conseguiam se lembrar de detalhes de forma tão clara quando estavam sob morte clínica durante 30 a 45 minutos? **Esse era um dilema que não poderia ser descrito tão facilmente com nossos conceitos atuais de medicina.** [...]. ⁽⁸³⁾

A oportunidade de médicos vivenciarem a sua própria EQM, faz com que muitos deles mudem de

ideia quanto à realidade do fenômeno.

E quanto a outros fatores, geralmente, apresentados, o Dr. Sam Parnia diz:

[...] **Não há evidências para fundamentar o papel das drogas, falta de oxigênio, excesso de dióxido de carbono, ou potássio, ou sódio como causa das EQMs.** Curiosamente, os níveis de oxigênio eram maiores em pacientes com EQM do que naqueles sem, mas tínhamos de ser bastante cuidadosos ao interpretar isso, já que tínhamos uma amostra de pessoas com EQM muito menor do que sem. [...]. ⁽⁸⁴⁾

E, finalizando, apresentamos este depoimento de Parnia:

Eu sempre fiquei um tanto desapontado com colegas cientistas que declaravam publicamente que as EQMs **eram simplesmente alucinações resultantes da falta de oxigênio e outros processos químicos dentro do cérebro.** Embora sempre pensasse que a razão por trás deste argumento fosse bastante eloquente, nunca houve evidências para apoiá-la. Portanto, deveria ter sido discutida como uma possibilidade ao invés de configurar um fato científico verdadeiro.

[...].

Isto é uma maneira bem simplista de se olhar um assunto complexo que precisa de mais esclarecimentos e explicações. [...] ⁽⁸⁵⁾.

Explicar algo sem tê-lo pesquisado profundamente não é uma atitude digna daqueles que se julgam cientistas.

Dr. Ebby Elahi, professor adjunto, Mount Sinai Hospital, em New York, mencionado por Parnia, na obra ***O Que Acontece Quando Morremos***, tem a seguinte opinião:

A neurociência não pode nos dizer se existe ou não uma realidade externa atrás dos relatos das experiências de quase-morte, e, como tal, nós simplesmente não sabemos. **As experiências são certamente “reais” para os indivíduos que passam por elas**, mas isso é tudo o que podemos dizer neste ponto. Da mesma forma, **não podemos refutar as afirmações das experiências também, uma vez, que nós mesmos não passamos por elas.** ⁽⁸⁶⁾

E bem por aí, se você não vivenciou tal experiência, não tem base alguma para negar o que outras pessoas dizem ter passado numa EQM.

No artigo “Estudo inédito no país avalia relatos de quase-morte”, publicado na **Revista 03**, de autoria da repórter Carolina Nalon que nos informa sobre o **Projeto Aware - UFJF**:

Uma equipe multidisciplinar de professores da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) se uniu a **um projeto de pesquisa internacional** ⁽⁸⁷⁾ buscando investigar a natureza das Experiências de Quase-Morte (EQMs) em pacientes vítimas de parada cardíaca. [...]. ⁽⁸⁸⁾

Poucos parágrafos à frente lemos:

Leonardo Miana diz que, nos dois anos de aplicação da pesquisa, a expectativa é de se obter de 50 a cem casos de parada cardíaca com sucesso na reanimação e na recuperação do paciente. “Destes, esperamos que, pelo menos, 10% relatem experiências de quase-morte.” Os números foram estimados de acordo com dados estatísticos observados em outros estudos.

Para o pesquisador, **mesmo que apenas um ou dois pacientes apresente evidências consistentes de percepções verídicas durante o período de inatividade cerebral, haverá um forte indicativo de que mente e cérebro são coisas distintas** e, portanto, o fenômeno das EQMs não encontraria explicação nas teses convencionais às quais veem a consciência humana como um produto gerado exclusivamente pelas atividades cerebrais. ⁽⁸⁹⁾

O professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina Leonardo Miana, um dos coordenadores do grupo de pesquisa Aware.

A sua conclusão no último parágrafo é fatal para quem nega a realidade de algo em nós que é independente do corpo, seja ele denominado alma, espírito, consciência, mente, tanto faz.

Nem tudo são flores...

Inicialmente, veremos o que os pesquisadores dizem a respeito da incidência das EQMs.

Do livro ***A Ciência das Experiências de Quase-morte***, organizado pelo professor John C. Hagan III, que “desde 2000 é editor da revista científica *Missouri Medicine*” ⁽⁹⁰⁾, trazemos a seguinte informação:

Uma análise da incidência de EQMs entre pacientes graves, como documentado em nove estudos prospectivos em quatro países, resultou em uma **média estimada 17%. Com os avanços nas técnicas de ressuscitação médica, a frequência de EQMs aumentou**, e algo em torno de nove milhões de pessoas, apenas nos Estados Unidos, relataram esse tipo de experiência. ⁽⁹¹⁾ Nos últimos 30 anos, o fenômeno de quase-morte foi investigado extensivamente. [...]. ⁽⁹²⁾

O Dr. Pim van Lommel, autor do capítulo “Sobre a continuidade da nossa consciência”, inserido na obra ***Relatos Verídicos: Experiência***

de Quase-morte, apresenta o seguinte esclarecimento:

Assim, em 1988, começámos um estudo prospectivo de **344 sobreviventes consecutivos de paragem cardíaca** em dez hospitais holandeses, com o intuito de investigarmos a frequência, a causa e o conteúdo de uma EQM ⁽⁹³⁾. Realizámos uma pequena entrevista-padrão no espaço de poucos dias após a reanimação a pacientes já suficientemente recuperados, e perguntamos se eles se recordavam do período de inconsciência e do que é que se recordavam. Nos casos em que foram relatadas memórias, codificámos as experiências de acordo com um índice ponderado face à profundidade da experiência. Neste sistema, a profundidade da EQM foi medida de acordo com os elementos relatados acerca do seu conteúdo. Quanto maior o número de elementos relatados, mais profunda a experiência e mais elevada a pontuação final.

Resultados: **62 pacientes (18%) relataram alguma lembrança do período em que estiveram em morte clínica**. Destes pacientes, 41 (12%) tiveram uma experiência profunda, com uma pontuação igual ou superior a 6, e 21 (6%) tiveram uma EQM superficial. [...]. ⁽⁹⁴⁾

Do artigo “EQM perturbadora, saúde mental e a espiritualidade do paciente: analisando relatos de

brasileiros”, de autoria de Beatriz Ferrara Carunchio, publicado na revista **REVER - v. 20, nº 2**, transcrevemos estes três parágrafos:

O número de pessoas que passam por uma EQM não é baixo como se poderia supor. Um estudo recente, coordenado pelo prestigiado neurologista Daniel Kondziella, **coletando dados de 1034 pacientes em 35 países, mostrou que 10% deles tiveram EQM** (Kondziella, Dreier e Olsen, 2019).

No Brasil, conforme dados da pesquisa de doutorado da autora, realizada com 350 participantes, a porcentagem de pessoas afetadas entre a **população geral chega a 14%**, enquanto entre pacientes que correram risco de morte, a porcentagem sobe para 51% (autor, 2017a).

Muito possivelmente, a prevalência é ainda mais alta, pois muitos pacientes têm receio de relatar o fenômeno, ou pela infabilidade que lhe é característica, ou mesmo pelo receio de ser considerado doente mental pelos profissionais de saúde ou mesmo por familiares e amigos (Van Lommel, 2010; Greyson, 2007, 2013; autor 2017a). Além disso, a prevalência tende a aumentar conforme a tecnologia e as técnicas médicas se desenvolvem e mais pacientes podem sobreviver a condições críticas de saúde (Greyson, 2013). ⁽⁹⁵⁾

Observamos, por estas três fontes, que a

incidência de EQMs é relativamente baixa. Qual seria a causa? Eis a grande incógnita. Supomos, sem fechar questão, que poderia ser pelos seguintes motivos: a) nem todas as pessoas se lembram do que passaram; b) para que passem a valorizar coisas que despreza na vida, especialmente em relação à espiritualidade; c) deixam de relatar para evitar o escárnio público; d) podem ter passado por uma EQM perturbadora, mas sentem-se constrangidos a relatá-la.

Voltemos ao artigo de Beatriz Ferrara Carunchio, para ver o que ela diz a respeito desse último item:

EQMs perturbadoras

Na maioria dos casos, uma EQM leva o paciente a um contexto agradável, muito diferente do cenário de angústia, medo ou dor típicos de uma situação de doença grave, acidente ou violência que o tenha levado a esse estado. São frequentes relatos de sentimentos de paz, serenidade e mesmo alegria. Infelizmente, em alguns casos não é bem isso o que ocorre. **As experiências chamadas de EQMs perturbadoras são aquelas em que a maioria dos fenômenos relatados são desagradáveis, causadores de**

dor, medo ou incertezas. Antes de abordar a fenomenologia e as consequências desse tipo de EQM, apresentaremos alguns relatos deste tipo.

O relato que segue ocorreu após hemorragia alveolar. O participante sofre de Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES); também apresenta deficiência auditiva, depressão e distúrbios do sono. O relato é curto e foca, simplesmente, no local escuro e alagadiço, implicitamente desagradável e amedrontador: “Vivi uma experiência em um local pantanoso e trevoso” (Sexo masculino, 26 anos, espírita, biomédico, Escala Greyson = 7).

Já o relato a seguir ocorreu devido a um afogamento. É um exemplo claro de EQM apenas com elementos perturbadores e sentimentos desagradáveis explícitos. **Mesmo vários anos após a EQM, a pessoa apresenta sentimento de medo, culpa e senso de realidade alterada.** Também, após a experiência, desenvolveu TEPT e distúrbios do sono. Esse é um relato bastante emblemático, pois apresenta os diferentes elementos de uma EQM perturbadora, que serão abordados logo a seguir. Segue o relato:

Faz 3 anos que eu me afoguei e fui para um lugar horrível. Era escuro e sujo, pessoas gritando e chorando. Tinha um homem que ria enquanto levava muitas pessoas presas numa corrente. Ele me viu e diz que logo iria me levar. Eu não gosto de contar isso porque ou acham que sou louco ou então acham que sou uma má pessoa por ter ido pra esse lugar. Eu acho que fui para o inferno. Nada nunca mais foi igual. Não tem uma noite que eu durmo bem

e não tenho pesadelo com isso. Sinto uma falta de ar, me sinto vigiado pelo mal. Quando penso nisso eu tenho medo e também muita vergonha, não sou uma pessoa ruim. Eu espero que tudo se ajeite, espero ser bom e também ser mais próximo de Deus. Obrigado por ler a minha história. Deus te abençoe. (Sexo masculino, 42 anos, católico, engenheiro, Escala Greyson = 15).

Em trabalhos anteriores (autor, 2017a), ao abordar este tipo de experiência, optou-se pelo termo EQM perturbadora, e não EQM negativa, pelo fato de, com isso, evitar juízos de valor quanto a estes tipos de experiências. Além disso, termos como “positiva” ou “negativa” podem sugerir nas entrelinhas algo de patológico quando, de início, não há, necessariamente, alguma psicopatologia preexistente nesses pacientes. Pacientes que passam por EQM costumam enfrentar preconceito e, ao evitar o termo “negativa”, espera-se evitar que carreguem mais este.

É fundamental recordar que todos aqueles que correm algum tipo de risco de morte estão sujeitos a vivenciar uma EQM. **Dentre essas pessoas, qualquer uma poderia ter uma EQM perturbadora. Não há relação entre este tipo de EQM e fatores como o estilo de vida prévio do paciente, crença ou descrença religiosa, aspectos relacionados à saúde mental prévia, tentativas de suicídio ou as condições em que a quase morte aconteceu** (Greyson, 2007, 2013; Bush, 2009; Van Lommel, 2010; Greyson, Bush,

1992; Jagadheesan, Belanti, 2012; autor, 2017a, 2017b).

Também não há evidências de relação entre EQM perturbadora e aspectos psicológicos prévios, como mágoas, medos ou sentimento de culpa (Jagadheesan, Belanti, 2012).

Apesar disso, como se pode notar especialmente no segundo relato, é muito comum que esses pacientes se mostrem angustiados e mesmo com sentimento de culpa após relatos desse tipo.

Estudos iniciais sobre EQM não mencionavam as EQMs perturbadoras. Ainda assim, as diferentes religiões e culturas sempre apresentaram o lado assustador do pós-morte. Os autores mencionam o Livro Tibetano dos Mortos para exemplificar casos em que mesmo elementos agradáveis podem, em certas ocasiões, ser descritos de maneira assustadora (Greyson, Bush, 1992; Greyson, 2013; Jagadheesan, Belanti, 2012).
(⁹⁶)

É bem interessante a informação de que nas pesquisas iniciais de EQM não se mencionava as EQMS perturbadoras.

Porém, nos fica a pergunta: Por que acontecem? Pode ser que a resposta esteja na seguinte fala de Admir Serrano. Em **Os que voltaram para contar**, após relatar três casos,

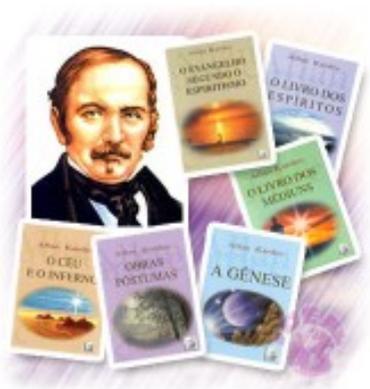
disse:

Experiências como essas que acabamos de ver são chama das de EQMs negativas, aflitivas ou menos positivas; talvez aflitivas seja a melhor definição. **Ainda que não apresentem o esplendor e a glória da maioria das EQMS, elas causam um efeito extremamente positivo na pessoa que as vivencia.** Nos casos anteriores, os três modificaram sua vida para melhor. O mesmo ocorreu em muitos outros casos desse tipo de EQM. Esse é um dos estranhos meios que Deus utiliza para despertar-nos de nosso torpor espiritual. ⁽⁹⁷⁾

Considerando que tudo que acontece é por conta da vontade ou permissão de Deus, podemos, sem dúvida, comungar com a conclusão do autor.

Na Codificação

Nas obras da Codificação ⁽⁹⁸⁾, Allan Kardec não aborda a questão da mesma forma como a vemos hoje, entretanto, ele menciona situações equivalentes, como são os casos de morte aparente - catalepsia e letargia -, ocorrências que, bem provavelmente, podem propiciar ao indivíduo uma experiência de EQM.



Inicialmente é preciso explicar como nós, os espíritas, entendemos ser o homem. Tomando do comentário de Allan Kardec em relação à questão 135-a, de **O Livro dos Espíritos**, será muito fácil compreender:

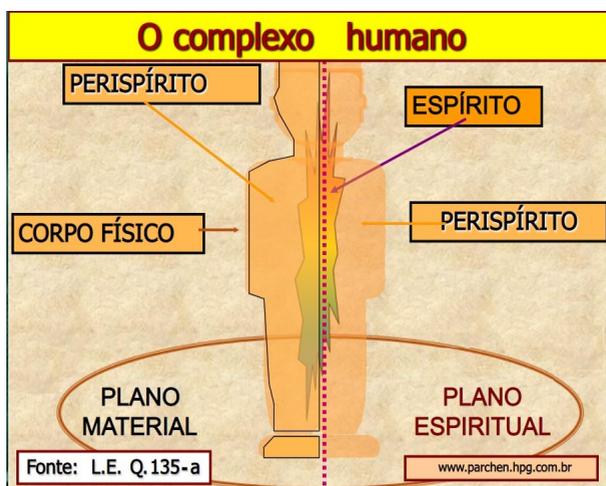
O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1º) **o corpo** ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º) **a alma**, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação;

3º) – o princípio intermediário, ou **perispírito**, substância semimaterial que serve de primeiro **envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo**. Tais são, num fruto, a semente, a polpa e a casca. (⁹⁹) (itálico do original)

Aqui, nesta ilustrativa imagem (¹⁰⁰), temos a representação gráfica do ser humano, na situação de encarnado e de desencarnado:



Da **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro,

artigo Escolhos dos médiuns, do qual destacamos o seguinte trecho com uma interessante explicação de Allan Kardec:

Nossa alma que não é, em definitivo, senão um Espírito encarnado, não é menos Espírito; se está momentaneamente revestida de um envoltório material, **suas relações com o mundo incorpóreo**, embora menos fáceis que no estado de liberdade, **não são interrompidas** por isso de maneira absoluta; **o pensamento é laço que nos une ao Espírito**, e por esse pensamento atraímos aqueles que simpatizam com as nossas ideias e nossas tendências. [...]. ⁽¹⁰¹⁾

No conceito da Doutrina Espírita, “O pensamento é um dos atributos do Espírito” ⁽¹⁰²⁾, assim, “quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois é a alma quem pensa” ⁽¹⁰³⁾, bem como podemos dizer que “a consciência é um pensamento íntimo que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.” ⁽¹⁰⁴⁾

Se como disse o Espírito Lamennais “A alma é o pensamento: não muda de natureza” ⁽¹⁰⁵⁾, então, onde quer que tenha um ser que possui o pensamento, temos uma alma ou Espírito, caso

desencarnada. Em outro momento, também é asseverado que “O pensamento, que nada mais é do que o Espírito encarnado, [...]” (106)

Em **A Gênese**, lemos que estas duas afirmações: “**a matéria**, por si só, é inerte, não tem vida **nem pensamento**” (107) e “**ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto.**” (108) dando-nos a exata condição da matéria, e, ao mesmo tempo, valorizando a alma.

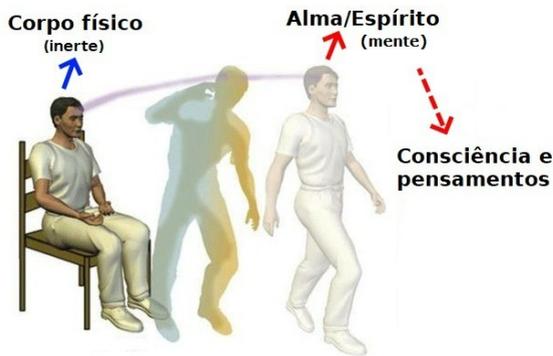
Um pouco mais à frente, lemos:

As propriedades *sui generis* que se reconhecem ao **princípio espiritual provam que ele tem existência própria, independente**, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que **a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria**, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do universo. [...]. (109) (itálico do original)

Os estados de emancipação da alma, inclusive, com a sua manifestação, enquanto pessoa está viva, provam a existência no homem do princípio

espiritual, que é, totalmente, independente da matéria, ou do elemento material, como dito.

Esta imagem ⁽¹¹⁰⁾, representa o afastamento temporário da alma do corpo físico, ao qual se vincula desde a concepção, em qualquer das situações que possa ocorrer a sua emancipação:



Assim é que, na condição de liberto do corpo, o Espírito, no qual o pensamento “está sediado”, vê, ouve e dá conta de tudo que acontece quando temporariamente livre, ainda que preso ao corpo por um fio, comumente, designado de “cordão de prata” ⁽¹¹¹⁾.



Em qualquer um dos possíveis estados de emancipação da alma, o corpo espiritual, designado de perispírito, permanece ligado ao corpo físico pelo “cordão de prata”; com a morte desse ocorre o seu rompimento e aí, jamais, voltará a reanimar o corpo do qual se desprendera.

Daí, concluímos, que nas EQMs é certo que ainda não houve o desligamento do perispírito, fato esse, que dá condições dela reassumir o corpo.

Consultando o “Vocabulário Espírita” de ***Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas***, lemos:

EMANCIPAÇÃO DA ALMA, estado particular da vida humana durante o qual **a alma, desprendendo-se de seus laços materiais, recupera algumas das suas faculdades de Espírito** e entra mais facilmente em comunicação com os seres incorpóreos. [...]. ⁽¹¹²⁾

Em todos os casos de EQM, de acordo com os conhecimentos espíritas, o que temos é um estado de emancipação da alma. Que, por estar totalmente consciente, pode, sim, relatar os acontecimentos e

suas experiências ocorridas no período.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de setembro, Allan Kardec publicou o artigo “Platão: Doutrina e as escolhas das provas” no qual inicialmente explica o seguinte:

[...] **em sua alegoria do Fuso da necessidade, supõe uma conversa entre Sócrates e Glauco**, e empresta ao primeiro o discurso seguinte sobre as revelações do armênio **Er, personagem fictício**.
(¹¹³)

Como sabemos o renomado Platão (428/427-348/347a.C.), foi um sábio filósofo e matemático da Grécia antiga.

Continuando, o Codificador, relata:

A narração que vou lembrar-vos, disse Sócrates a Glauco, é a de um homem de coração, Er, o armênio, originário de Panfília. **Foi morto em uma batalha. Dez dias depois, como se carregavam os cadáveres**, já desfigurados, daqueles que tombaram com ele, **o seu foi encontrado são e inteiro. Levaram-no para casa para fazerem seus funerais, e no segundo dia, quando estava sobre a fogueira, ele reviveu e contou o que vira na outra vida.**

Logo que a sua alma saiu de seu corpo, partiu com uma multidão de outras almas e chegou a um lugar maravilhoso, onde se viam, na terra, duas aberturas, vizinhas uma da outra, e duas outras aberturas no céu que correspondiam àquelas. Entre essas duas regiões estavam sentados os juízes. Desde que pronunciavam uma sentença, ordenavam aos justos para tomarem seu caminho à direita, por uma das aberturas do céu, depois de lhes afixar à frente um letreiro contendo o julgamento dado em seu favor, e aos maus de tomarem o caminho à esquerda, nos abismos, tendo atrás do dorso um escrito semelhante onde estavam marcadas todas as suas ações.

Quando, por sua vez, se apresentou, os juízes declararam que ele deveria levar aos homens a novidade do que se passava nesse outro mundo, e lhe ordenaram escutar e observar tudo o que se lhe oferecia. ⁽¹¹⁴⁾

Será que Platão passou por uma EQM ou simplesmente teve intuição dela? Seu relato sobre o armênio Er é muito singular, deve ter algo que o levou a descrição da experiência dele depois da sua morte aparente.

No tópico “Conversas familiares de além-túmulo”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de setembro, é citada “A senhora Schwabenhaus.

Letargia extática.” Transcrevemos:

Vários jornais, segundo o *Courrier dês États-Unis*, narraram o fato seguinte que nos pareceu de natureza a fornecer o assunto para um estudo interessante:

“Uma família alemã, de Baltimore, veio, diz o *Courrier dês États-Unis*, de ser vivamente emocionada por **um singular caso de morte aparente**. A senhora Schwabenhaus, doente há algum tempo, parecia haver dado o último suspiro na noite da segunda para terça-feira. As pessoas que a cuidavam puderam observar nela todos os sintomas da morte; seu corpo estava gelado, seus membros rígidos. **Depois de ter prestado ao cadáver** os últimos deveres, e quando tudo estava pronto, no quarto mortuário, **para o sepultamento**, os assistentes foram em busca de algum repouso. O senhor Schwabenhaus esgotado pela fadiga, logo os seguiu. Estava entregue a sono agitado, quando, pela seis horas da manhã, a voz de sua mulher veio ferir seu ouvido. Acreditou primeiro ser o joguete de um sonho; mas seu nome, repetido várias vezes, logo não lhe deixou nenhuma dúvida, e se precipitou para o quarto de sua mulher. **Aquela que deixara por morta, estava sentada em sua cama, parecendo gozar de todas as suas faculdades** e mais forte, do que jamais estivera, desde o começo de sua enfermidade.

“A senhora Schwabenhaus pediu água, depois desejou beber chá e vinho. Ela pediu ao seu marido para ir dormir seu filho que chorava em um

quarto vizinho. Mas este último, estava muito emocionado para isso, e correu a despertar todo mundo na casa. A doente acolheu sorrindo seus amigos, seus domésticos, que não se aproximaram de seu leito senão tremendo. Ela não parecia surpresa com os preparativos funerários que impressionavam seu olhar: “Sei que me acreditáveis morta, disse ela, entretanto, eu não estava senão dormindo.

Mas durante esse tempo minha alma voou para as regiões celestes; um anjo veio me procurar, e cruzamos o espaço por alguns instantes. Este anjo que me conduzia, é a jovem que perdemos no ano último... Oh! logo eu irei reunir-me a ela... Agora que provei as alegrias do céu, não queria mais viver neste mundo. Pedi ao anjo para vir abraçar, ainda uma vez, meu marido e meus filhos; mas logo ele virá me procurar.”

Às oito horas, depois que ela ternamente pediu permissão ao seu marido, aos seus filhos e a uma multidão de pessoas que a cercava, **a senhora Schwabenhau**s **expirou realmente desta vez**, como foi constatado pelos médicos, de modo a não deixar subsistir nenhuma dúvida.

“Esta cena emocionou vivamente os habitantes de Baltimore.” ⁽¹¹⁵⁾

Nesse curioso caso não temos o relato da Sra. Schwabenhau ainda viva contando o que lhe sucedera, entretanto ela foi evocada e seu Espírito

se manifestou.

Continuando a transcrição, porém do diálogo com 33 questões só tomaremos as que são úteis à nossa pesquisa:

O Espírito da senhora Schwabenhaus, tendo sido evocado, na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, no dia 27 de abril último, estabeleceu-se com ele a conversa seguinte.

1. Desejamos, com o objetivo de nos instruir, dirigir-vos algumas perguntas concernentes à vossa morte; tereis a bondade de nos responder? – R. Como não o faria agora que começo a tocar nas verdades eternas, e que sei a necessidade que disso tendes?

2. Lembrai-vos das circunstâncias particulares que precederam vossa morte? – R. Sim, esse momento foi o mais feliz da minha existência terrestre.

3. Durante a vossa morte aparente, ouvíeis o que se passava ao redor de nós e víeis os preparativos de vossos funerais? – R. Minha alma estava muito preocupada com sua felicidade próxima.

Nota. – Sabe-se que, **geralmente, os letárgicos veem e ouvem o que se passa ao redor deles e disso conservam a lembrança ao despertarem.** O fato que narramos oferece essa particularidade, que o sono letárgico estava acompanhado de êxtase, circunstância que explica

por que a atenção da doente foi desviada.

4. Tínheis a consciência de não estar morta? – R. Sim, mas isso não me era bastante penoso.

5. Poderíeis nos dizer a diferença que fazeis entre o sono natural e o sono letárgico? – R. O sono natural é o repouso do corpo; o sono letárgico é a exaltação da alma.

6. Sofríeis durante a vossa letargia? – R. Não.

7. Como se operou o vosso retomo à vida? – R. Deus permitiu que retomasse para consolar os corações aflitos que me cercavam.

8. Desejaríamos uma explicação mais material. – R. O que chamais o perispírito animava ainda o meu envoltório terrestre.

9. Como ocorreu não vos surpreenderdes, no vosso despertar, com os preparativos que se faziam para vos enterrar? – R. Eu sabia que deveria morrer, todas essas coisas pouco me importavam, uma vez que entrevi a felicidade dos eleitos.

10. Voltando a vós, ficastes satisfeita de ser restituída à vida? – R. Sim, para consolar.

11. Onde estivestes durante o vosso sono letárgico? – R. Não posso dizer-vos toda a felicidade que senti: as línguas humanas não exprimem essas coisas.

12. Vós vos sentis, ainda, na terra ou no espaço? – R. Nos espaços. ⁽¹¹⁶⁾

Pelas respostas da Sra. Schwabenhau, na condição de desencarnada, percebemos que teve plena consciência do que ocorria no plano físico no período de tempo em que esteve “morta”, tal e qual acontece com aquelas pessoas que passam por uma EQM.

Na **Revista Espírita 1868**, mês julho, em “Bibliografia”, Allan Kardec tece comentário sobre a obra *A Alma, demonstração de sua realidade, deduzida do estudo dos efeitos do clorofórmio e do curare sobre a economia animal*, do qual, transcrevemos os seguintes trechos:

Dissemos [...] que as pesquisas da ciência, mesmo tendo em vista um estudo exclusivamente material, conduziram ao espiritualismo, pela impossibilidade de explicar certos efeitos com a ajuda unicamente das leis da matéria; de outra parte, **muitas vezes repetimos que na catalepsia, na letargia, na anestesia** ⁽¹¹⁷⁾ *pelo clorofórmio* ou outras, no sonambulismo natural, no êxtase e em certos estados patológicos, **a alma se revela por uma ação independente do organismo, e dá, pelo seu isolamento, a prova patente de sua existência.** [...].

[...].

De todos os tempos fenômenos espontâneos

muito frequentes, tais como a catalepsia, a letargia, o sonambulismo natural e o êxtase **mostraram a alma agindo fora do organismo**; mas a Ciência os desdenhou deste ponto de vista. Ora, **eis que uma nova descoberta, a anestesia pelo clorofórmio**, de incontestável utilidade **nas operações cirúrgicas**, e cujos efeitos, por isso mesmo, se é forçado a estudar, diariamente torna a Ciência testemunha desse fenômeno, colocando, por assim dizer, a nu a alma do paciente; [...].

Entre os numerosos fatos desse gênero, o seguinte se produziu na prática do Sr. Velpeau:

“Uma senhora que não havia manifestado nenhum sinal de dor enquanto eu a desembaraçava de um volumoso tumor, despertou sorrindo e me disse: ‘Sei bem que terminou; deixai-me retornar inteiramente e vou vos explicar isto... Não senti absolutamente nada’, logo acrescentou ela, ‘mas eis como soube que estava operada. **No meu sono, fui fazer uma visita a uma senhora de meu conhecimento, para conversar sobre uma criança pobre que tínhamos a colocar [numa instituição]**. Enquanto conversávamos, essa senhora me disse: Credes estar neste momento em minha casa, não é? Pois bem! minha cara amiga, enganai-vos completamente, **porque estais em vossa casa, em vossa cama, onde se vos faz a operação atualmente mesmo**. Longe de me alarmar com a sua linguagem, respondi-lhe ingenuamente: Ah! se é assim, peço-vos a permissão de prolongar um pouco minha visita, a fim de que tudo esteja acabado quando eu reentrar na casa. Eis como, abrindo os olhos, antes mesmo

de estar inteiramente desperta, pude vos anunciar que já estava operada.”

O clorofórmio oferece milhares de exemplos tão concludentes como este. ⁽¹¹⁸⁾

E muito interessante o fato de Allan Kardec ter percebido o efeito do clorofórmio na produção da emancipação da alma.

Esse composto químico, quando aplicado, tinha efeito anestésico no paciente, situação que, em certos indivíduos, possibilitava a emancipação do Espírito do corpo físico, por um certo período de tempo.

Do tópico “Catalepsia. Ressurreições”, da parte “II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais”, do cap. XIV – Os fluidos de **A Gênese**, transcrevemos o item 30:

Em certos estados patológicos, em que o Espírito deixou o corpo e o perispírito só se acha aderido a ele por meio de alguns pontos, o corpo apresenta todas as aparências da morte, de sorte que se enuncia uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Tal estado pode durar mais ou menos tempo, podendo mesmo certas partes do corpo entrar em

decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, o Espírito pode, quer por uma ação enérgica, da sua *própria* vontade, quer por *um influxo fluídico estranho, igualmente forte*, ser chamado a volver ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. [...] Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico se têm destacado do corpo carnal ou quando este último já chegado a um estado irreparável de degradação, o regresso à vida se torna impossível. ⁽¹¹⁹⁾ (itálico do original)

Nos estados patológicos aqui mencionados ocorre a emancipação da alma, e dependendo da situação o paciente pode dar notícia do que sucede ao redor.

Em **O Livro dos Espíritos**, encontramos no tópico “Letargia, catalepsia, mortes aparentes”, listaremos a seguintes questões que merecem ser citadas:

422. Geralmente os letárgicos e os catalépticos, veem e ouvem o que se passa em volta deles, mas não podem manifestá-lo. É pelos olhos e pelos ouvidos do corpo que têm essas percepções?

“Não; é pelo Espírito. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se.”

a) *Por que não pode comunicar-se?*

“O estado do corpo a isso se opõe. Esse estado particular dos órgãos vos dá a prova de que no homem existe alguma coisa além do corpo, porquanto, embora o corpo já não funciona, o Espírito se continua ativo.”

423. Na letargia, o Espírito pode separar-se inteiramente do corpo, de modo a dar a este todas as aparências da morte, e voltar a ele em seguida?

“Na letargia, o corpo não está morto, pois há funções que continuam a realizar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, mas não se aniquila. Ora, o Espírito está unido ao corpo enquanto vive. Uma vez desfeitos os laços pela morte *real* e pela desagregação dos órgãos, a separação é completa e o Espírito não volta mais. Quando um homem aparente morto volta à vida, é que a morte não se havia completado.” ⁽¹²⁰⁾

No estado letárgico o corpo fica com todas as aparências da morte, essa inatividade produz a emancipação do Espírito, que, se ficar próximo ao corpo, poderá dar notícia de tudo quanto acontece no local.

Em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXV - Das

Evocações, tópico Evocações das pessoas vivas, item 284 (¹²¹), lemos:

37. A encarnação do Espírito constitui obstáculo absoluto à sua evocação?

“Não, **mas é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda.** Quanto mais elevado for em categoria o mundo onde se acha o Espírito encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque em tais mundos os corpos são menos materiais.”

38. Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?

“Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. **O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado,** dependendo da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.”

39. Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“Dorme, ou cochila; é quando o Espírito está livre.”

Se um Espírito de pessoa viva pode se manifestar, então se conclui que ele é algo independente do corpo físico e, que dadas as condições necessárias para que ocorra sua

emancipação, ele poderá se manifestar mediunicamente, em algumas situações até mesmo materializar-se em outro local, conseqüentemente, temos aí a evidência de que ele, o Espírito, é, de fato, independente do corpo físico.

Em **A Gênese**, cap. XIV – Os fluidos, parte “II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais”, tópico “Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista. Sonambulismo. Sonhos”, no item 23, lemos:

O Espírito, portanto, sente-se feliz em deixar o corpo, como o pássaro ao deixar a gaiola; ele aproveita todas as ocasiões para dele se libertar, todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. É o fenômeno designado como *emancipação da alma*, o qual se produz sempre durante o sono. Toda vez que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o espírito se desprende. [...].

Nesses momentos **o Espírito vive da vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas da vida vegetativa**; acha-se, em parte, no estado em que se encontrará após a morte; percorre o espaço, conversa com seus amigos e outros espíritos livres ou *encarnados* como ele. ⁽¹²²⁾
(itálico do original)

A EQM é um dos estados em que “o corpo repousa e os sentidos ficam inativos”, em que se produz o desprendimento do Espírito, ou seja, dá-se o fenômeno da emancipação da alma.

No plano espiritual para onde vai, a alma é ativa e consciente do que lhe ocorre, podendo, ao retornar ao corpo trazer lembrança de tudo quanto lhe aconteceu nesse estado.

O pesquisador Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), em notável inspiração, bem acertadamente disse: “Às vezes, as crenças mostram-se mais resistentes que os próprios fatos, para aqueles que as têm em grau muito intenso.”
(¹²³)

Conclusão

Para qualquer estudioso do Espiritismo é fácil perceber que várias coisas que surgem nos relatos das EQMs, não são propriamente novidades, pois elas também aparecem em obras espíritas:

- orientadores espirituais (seres de luz);
- encontro com parentes desencarnados;
- construções, paisagens, cidades, etc.;
- retrospectiva dos fatos da vida;
- somos os próprios juízes de nossos atos;
- percepção das emoções das pessoas que se magoou;
- uns têm o livre-arbítrio para voltar ou não;
- a outros é imposta a volta;
- visão 360 graus e cegos com percepções visuais;

- conversa não verbalizada, por telepatia;
- Espíritos ajudando a equipe médica;
- cordão fluídico.

Em ***Reflexões Sobre a Vida Depois da Vida***, autoria Dr. Raymond A. Moody Jr., consta o tópico “Cidades de Luz”, dentro do Capítulo “Novos Elementos”, do qual transcrevemos:

[...] tenho conversado com **inúmeros indivíduos que falam**, com notável consistência, de terem visto relances de outros campos de existência que bem poderiam ser chamados de “celestiais”. Julgo interessante a ocorrência, em diversos desses relatos, de uma mesma expressão: **“uma cidade de luz”**. [...]. ⁽¹²⁴⁾

Aqui um trecho da obra, em que uma mulher descreve sua experiência:

À distância... pude avistar uma cidade. Prédios... prédios separados uns dos outros. Eram polidos, brilhantes. As pessoas eram felizes ali. Água límpida, que refletia a luz, repuxos... **creio que o melhor meio de descrever seria dizer “uma cidade de luz”... Esplendorosa**. Tudo brilhava, uma maravilha... Mas se eu entrasse

nela, creio que jamais teria voltado... Disseram-me que, se eu entrasse ali, não poderia regressar... que a opção era exclusivamente minha. ⁽¹²⁵⁾

Em 12/11/2012, encontramos em “Medicina e Saúde” no site da revista **Galileu** o artigo “O que ocorre na ante-sala da morte”, do qual fizemos este print-screen do tópico “Os relatos se repetem” ⁽¹²⁶⁾:

Os relatos se repetem

Embora não sejam idênticos, os relatos de pessoas que disseram ter passado por uma experiência de quase-morte (near-death experience, ou NDE, em inglês) têm muitos elementos em comum, conforme foi observado pelos estudiosos desse tema. A seguir, são descritas algumas dessas semelhanças:

Projeção do corpo – A sensação de que a pessoa deixou o corpo e está pairando acima dele. Ela pode mais tarde descrever quem estava no local e o que aconteceu.

Movimento em um túnel – A sensação de se locomover em um túnel escuro.

Bem-aventurança – Lembrança de ter sentido uma emoção profunda.

Visão de luz – A sensação de ir de encontro a uma luz, descrita como dourada ou branca, que exerce profunda atração.

Encontro com pessoas já mortas – Podem ser pessoas muito queridas que já morreram, reconhecidas ou não, seres sagrados, entidades não identificadas ou ‘seres de luz’, muitas vezes símbolos da própria religião.

Revisão da própria vida – A sensação de ver ou reexperimentar eventos significativos ou triviais da própria vida, algumas vezes sob a perspectiva de outras pessoas envolvidas. Como resultado disso, a reformulação das próprias opiniões sobre as coisas e mudanças que serão necessárias caso tenha uma segunda chance.

Entendimento – A sensação de entender tudo, de saber como o Universo funciona.

Obstáculo – A sensação de ter chegado a um penhasco, cerca, água ou algum tipo de obstáculo que não pode ser cruzado se a pessoa pretende voltar à vida.

Retorno à vida – A decisão de voltar a viver é voluntária e normalmente associada a alguma tarefa que ficou inacabada ou à existência de filhos.

Esses dados coletados dos relatos de pacientes do mundo inteiro apontam, segundo o nosso julgamento, para a realidade da experiência de quase-morte, momento em que a alma, sobrevivendo numa outra dimensão, consegue vivenciar todos os fatos que acontecem à sua volta, motivo pelo qual depois poderá relatá-los, após retornar à situação de normalidade.

Esta frase do Dr. Jeffrey Long, merece ser levada em conta: *“As EQMs fornecem evidências científicas tão poderosas que é razoável aceitar a existência de vida após a morte.”* (127)

Em ***Morte, nascimento, evolução: uma biologia transcendental***, Dr. Hernani de Guimarães Andrade, escritor e parapsicólogo espírita, disse algo ao se referir a realidade da sobrevivência e a possibilidade da comunicação com os desencarnados, que muito bem cabe para a experiência de quase-morte:

[...] Desse modo, crer ou não crer em tal possibilidade já pode estar na dependência de achar-se bem ou mal-informado acerca do avanço das pesquisas científicas realizadas

também nesse campo de investigação. Não nos parece mais tratar-se de uma questão de posição doutrinária, e muito menos de uma questão de bom-senso. **Daqui por diante, serão os fatos e não apenas as opiniões pessoais que deverão pesar na avaliação das conclusões acerca da sobrevivência.** ⁽¹²⁸⁾

Hernani Andrade foi taxativo ao dizer que são os fatos que deverão se impor provando a realidade da EQM, quer gostem ou não os seus contraditores. Consequentemente, quando isso ocorrer teremos nela a prova da existência e sobrevivência da alma, ou evidência da existência e sobrevivência da consciência, para usar de uma linguagem mais ao gosto dos cientistas.

Finalizamos com o seguinte pensamento: “Há duas maneiras de ser enganado. Uma é acreditar no que não é verdade; a outra é se recusar a acreditar no que é verdade.” (SØREN KIERKEGAARD, 1813-1855)

Referência bibliográfica

- ALEXANDER III, E. *Uma Prova do Céu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- ANDRADE, H. G. *Morte, Renascimento, Evolução: Uma Biologia Transcendental*. Guarulhos (SP): Didier, 2003.
- ANDRADE, H. G. *Morte: Uma Luz no Fim do Túnel (Evidências da Sobrevivência após a Morte)*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1999.
- ATWATER, P. M. H. *Muito Além da Luz*. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1998.
- BERMAN, P. L. *Experiências de Quase-Morte e o Dom da Vida*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.
- DELANNE, G. *As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2023.
- DOMINGOS, M.; DIAS, P. C e LOUÇÃO, P. *Relatos verídicos. Experiências de Quase-morte*. Lisboa, Portugal: Ésquilo, 2011.
- DOORE, G. *Explorações contemporâneas da vida depois da morte*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- FLAMMARION, C. *As Forças Naturais Desconhecidas*. Limeira (SP): Conhecimento, 2011.
- GREAVES, H. *Além do Véu da Morte*. São Paulo: Pensamento, s/d.

- GROF, S. *A sobrevivência depois da morte: observações a partir de modernas pesquisas sobre a consciência*. In: DOORE, G. *Explorações Contemporâneas da Vida Depois da Morte*. São Paulo: Cultrix, 1992, p. 29-39.
- HAGAN III, J. C. *A Ciência das Experiências de Quase-morte*. Curitiba: Danúbio Editora, 2020.
- JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*. Matão (SP): O Clarim, 6ª ed. s/d.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras (SP): IDE, 1993.
- LOEFFLER, C. F. *Fundamentação da Ciência Espírita*. Niterói (RJ): Lachâtre, 2003.
- LONG, J. e PERRY, P. *Evidências da Vida Após a Morte*. São Paulo: Laousse, 2010.
- MOODY JR, R. A. *A Vida Depois da Vida*. São Paulo: Butterfly, 2004.
- MOODY JR, R. A. *Reflexões Sobre Vida Depois da Vida*. Rio de Janeiro: Nordica, 1987.
- MORSE, M. L. E PERRY, P. *Do Outro Lado da Vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1992.

- PARNIA, S. *O Que Acontece Quando Morremos*. São Paulo: Larousse, 2008.
- PERRY, P. *A Morte Como Despertar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- ROGO, S. D. *A Vida Depois da Morte: A Questão da Sobrevivência à Morte Corpórea*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.
- SAMPAIO, J. R. e MILANI FILHO, M. A. (org) *A Sobrevivência da Alma em Foco (Textos selecionados do 14º Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo - LIHPE)*. São Paulo: CCDPE-ECM, 2018.
- SERRANO, A. *Nos Portais do Além: a Ciência e as Mais Extraordinárias experiências de Quase-Morte, Comprovando que há Vida Após a Morte*. São Paulo: Petit, 2008.
- VAN LOMMEL, P. *Sobre a continuidade da nossa consciência*. In DOMINGOS; DIAS; LOUÇÃO, *Relatos Verídicos. Experiências de Quase-morte*, p. 201-232.
- WEISS, B. *Muitas vidas, uma só alma*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

Internet:

- BIRNFELD, M. A. *Provas x Evidências*, disponível em: https://www.conjur.com.br/2004-jun-11/prova_evidencia_definicoes_diferentes. Acesso em: 12 jun. 2022.

CARUNCHIO, B. F. *EQM perturbadora, saúde mental e a espiritualidade do paciente: analisando relatos de brasileiros*, in. *REVER* – v. 20, nº 2, mai/ago/2020, p. 171-186, disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/50692>. Acesso em: 08 set. 2022.

Dicionário da Língua Portuguesa – Dicio. *Evidência*, disponível em: <https://www.dicio.com.br/evidencia/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Dicionário da Língua Portuguesa – Dicio. *Prova*, disponível em: <https://www.dicio.com.br/prova/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Dicionário Michaelis (UOL). *Indício*, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ind%C3%Adcio/>. Acesso em: 07 set. 2022.

Dicionário Michaelis (UOL). *Prova*, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/prova/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ECCLESIAE, John C. Hagan III, disponível em: https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=5860. Acesso em: 30 jun. 2022.

FARIA, C. *Comprovação Científica*, disponível em: <https://www.infoescola.com/ciencias/comprovacao-cientifica/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

- INFOESCOLA, *Carl G. Jung*, por Paula Farias Akkari, disponível em:
<https://www.infoescola.com/psicologia/carl-gustav-jung/>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- MOREIRA, D. M. *Morte encefálica*, disponível em:
<https://www.infoescola.com/medicina/morte-cerebral/>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- NALON, C. *Estudo inédito no país avalia relatos de quase-morte*, in. *Revista 03*, 2011.10, p. 50-52, disponível em:
<https://www.ufjf.br/revistaa3/todas-as-edicoes-2/revista-a301/>. Acesso em: 08 set. 2022.
- SANTANA, A. L. *Experiência de quase morte*, disponível:
<https://www.infoescola.com/psicologia/experiencia-de-quase-morte/>. Acesso em 03.05.2015.
- SEXTANTE, *Eben Alexander III*, disponível em:
<https://sextante.com.br/autores/eben-alexander-iii/>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *EQM é prova da sobrevivência do Espírito*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/339-eqm-e-sobrevivencia-do-esprito>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Manifestação de Espírito de Pessoa Viva (Em que condições elas ocorrem)*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/653-manifestacoes-de-espirito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook>. Acesso em: 22 jun. 2022.

WIKIPÉDIA (EN), *Eben Alexander*, disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_\(author\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_(author)). Acesso em: 21 jun. 2022.

WIKIPÉDIA, *Experiência de Quase-Morte*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Experi%C3%Aancia_de_quase-morte. Acesso em: 12 jun. 2022.

WIKIPÉDIA, *Michel Sabom*, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Sabom. Acesso em: 07 ago. 2022.

WIKIPÉDIA, *Melvin Morse*, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Melvin_L._Morse. Acesso em: 22 jun. 2022.

WIKIPÉDIA, *Stanislav Grof*, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Stanislav_Grof. Acesso em: 22 jun. 2022.

WOOK, *Sam Parnia*, disponível em: <http://www.wook.pt/authors/detail/id/48372>. Acesso em: 23 jun. 2022.

Imagens

CAPA:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/1/16/Hieronymus_Bosch_013.jpg/330px-Hieronymus_Bosch_013.jpg. Acesso em 13 jun. 2022.

14º ENLIHPE, 25 a 26 de agosto de 2018 – *Sobrevivência da Alma*, disponível em:

http://www.espiritualidades.com.br/Liga/14_ENLIHPE_2018/logo_mini.jpg. Acesso em: 07 set. 2022.

CONHECENDO O ESPIRITISMO (site), *Emancipação da alma ou desdobramento*, disponível em:

https://static.wixstatic.com/media/b11d2f_9a29fea77e0c4ae18219b6a02c3ea227~mv2.jpg/v1/fill/w_1410,h_764,al_c,q_90/b11d2f_9a29fea77e0c4ae18219b6a02c3ea227~mv2.webp. Acesso em: 12 jun. 2022.

CORDÃO DE PRATA: <http://www.verdadeluz.com.br/wp-content/uploads/2016/03/sono-despreendimento.jpg>. Acesso em: 22 jun. 2022.

DENTADURA, disponível em:

https://static.tuasaude.com/media/article/bz/tn/como-limpar-a-dentadura_38737.jpg. Acesso em: 02 jul. 2022.

ELETRENCEFALOGRAMA: (aparelho)

<http://metraseg.com.br/Imagens/Exames/eeg.jpg> e (resultado) http://neuroclin.com.br/noticias/F_02.jpg

EMOJI, *Apontando*, disponível em:

https://static8.depositphotos.com/1007989/858/i/600/depositphotos_8587091-stock-photo-aha-smiley.jpg. Acesso em: 13 jun. 2022.

GALILEU (revisita), *O que ocorre na ante-sala da morte*, tópico: “EQM – Os relatos se repetem”, disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT483439-1940-1,00.html>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ILUSTRAÇÃO: Alma saindo do corpo, disponível em: <https://kardecriopreto.com.br/wp-content/uploads/2018/03/maxresdefault-300x169.jpg>. Acesso em: 04 jul. 2022.

NECROTÉRIO, disponível em: <https://thumbs.dreamstime.com/b/homem-na-morgue-136179523.jpg>. Acesso em: 02 jul. 2022.

O COMPLEXO HUMANO, disponível em: <https://player.slideplayer.com.br/12/4008603/data/imagens/img8.jpg>. Acesso em: 27 jun. 2022.

OBRAS DA CODIFICAÇÃO:
https://static.wixstatic.com/media/24b65b_c4c29ae0f1f345bda87b0da3e08889ce~mv2.jpg/v1/fill/w_350,h_350,al_c,q_90/24b65b_c4c29ae0f1f345bda87b0da3e08889ce~mv2.jpg. Acesso em: 22 jun. 2022.

PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA, *Carl Gustav Jung* (imagem), disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2011/06/jung.jpg>. Acesso em: 21 jun. 2022.

PESQUISADORES:
<https://labmac.ufsc.br/files/2016/01/pesquisa.jpeg>. Acesso em: 01 jul. 2022.

TÊNIS VELHO:
<https://media.gazetadopovo.com.br/vozes/2009/03/tenis120350-8e03c15a.jpg>. Acesso em: 13 jun. 2022.

VISÃO DO TETO, disponível em:

<https://www.fisicaquantistica.it/wordpress/wp-content/uploads/2015/11/esperienza-pre-morte.jpg>. Acesso em: 05 jul. 2022.

WAGNER, *Desdobramento de Castro* (adaptada), disponível em:

https://slideplayer.com.br/12792193/77/images/slide_1.jpg. Acesso em: 27 jun. 2022.

WIKIPÉDIA, *Ascensão dos abençoados*, disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/16/Hieronymus_Bosch_013.jpg/330px-Hieronymus_Bosch_013.jpg. Acesso em: 13 jun. 2022.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os nomes dos títulos dos*

Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução; e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 A tela “Ascensão dos abençoados” (1490) de Bosch é associada por pesquisadores de experiências de quase morte a alguns aspectos recorrentes em EQM. [19][20] (WIKIPÉDIA)
- 2 <https://www.dicio.com.br/prova/>
- 3 O grifo é nosso, procedimento que faremos padrão. Quando ocorrer de não ser, nós avisaremos.
- 4 <https://www.dicio.com.br/evidencia/>
- 5 <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/prova/>
- 6 <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/evind%C3%AAncia/>
- 7 <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ind%C3%Adcio/>.
- 8 BIRNFELD, *Provas x Evidências*, disponível em: https://www.conjur.com.br/2004-jun-11/prova_evidencia_definicoes_diferentes
- 9 FARIA, *Comprovação Científica*, disponível em: <https://www.infoescola.com/ciencias/comprovacao-cientifica/>
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 329.
- 11 MOREIRA, *Morte encefálica*, disponível em: <https://www.infoescola.com/medicina/morte-cerebral/>
- 12 SANTANA, *Experiência de quase morte*, disponível em: <https://www.infoescola.com/psicologia/experiencia-de-quase-morte/>
- 13 Platão (428-427-348/348 a.C.), foi um filósofo ateniense que viveu na Grécia antiga.
- 14 Nota da Transcrição (N.T.): Mauro, James. *Bright lights, big mystery*. Psychology Today, July 1992.3

- 15 N.T.: Holden, Janice Miner; Greyson, Bruce; James, Debbie (2009). *The Handbook of Near-Death Experiences: Thirty Years of Investigation*. Praeger.
- 16 N.T.: Benjamin Jowett (2007). "The Republic". The Internet Classics Archive. Consultado em 14 de outubro de 2007.
- 17 N.T.: Moody, R. (1975). *Life After Life: The Investigation of a Phenomenon – Survival of Bodily Death*, pp. 105-110. New York: Bantam.
- 18 Pim van Lommel (2010). *Consciousness Beyond Life: The science of the near-death experience*. Haper One. pp. 96-99.
- 19 WIKIPÉDIA, *Experiência de Quase-Morte*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Experi%C3%AAncia_de_quase-morte
- 20 CARUNCHIO, *EQM perturbadora, saúde mental e a espiritualidade do paciente: analisando relatos de brasileiros*, in. REVER – v. 20, nº 2, mai/ago/2020, p. 173.
- 21 CARUNCHIO, *EQM perturbadora, saúde mental e a espiritualidade do paciente: analisando relatos de brasileiros*, in. REVER – v. 20, nº 2, mai/ago/2020, p. 174.
- 22 WIKIPÉDIA, *Ascensão dos abençoados*, disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/16/Hieronymus_Bosch_013.jpg/330px-Hieronymus_Bosch_013.jpg
- 23 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 31-33.
- 24 VAN LOMMEL, *Sobre a continuidade da nossa consciência*. In: DOMINGOS, DIAS e LOUÇÃO. *Relatos Verídicos: Experiência de Quase-morte*, p. 208.
- 25 PERRY, *A Morte Como Despertar*, p. 34-35.

- 26 PERRY, *A Morte Como Despertar*, p. 93.
- 27 DELANNE, *As Aparições materializadas dos Vivos e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*, p. 140.
- 28 CONHECENDO O ESPIRITISMO (site), *Emancipação da alma ou desdobramento*, disponível em: https://static.wixstatic.com/media/b11d2f_9a29fea77e0c4ae18219b6a02c3ea227~mv2.jpg/v1/fill/w_1410,h_764,al_c,q_90/b11d2f_9a29fea77e0c4ae18219b6a02c3ea227~mv2.webp
- 29 SILVA NETO SOBRINHO, *Manifestação de Espírito de Pessoa Viva (Em que condições elas ocorrem)*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/653-manifestacoes-de-espirito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook>
- 30 Visão do teto, disponível em: <https://www.fisicaquantistica.it/wordpress/wp-content/uploads/2015/11/esperienza-pre-morte.jpg>
- 31 Etroencefalograma: (aparelho) <http://metraseg.com.br/Imagens/Exames/eeg.jpg> e (resultado) http://neuroclin.com.br/noticias/F_02.jpg
- 32 ROGO, *A Vida Depois da Morte: A Questão da Sobrevivência à Morte Corpórea*, p. 81.
- 33 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 117.
- 34 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 119.
- 35 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 51-52.
- 36 WIKIPÉDIA, *Michel Sabom*, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Sabom
- 37 ROGO, *A Vida Depois da Morte: A Questão da Sobrevivência à Morte Corpórea*, p. 71-73.

- 38 ROGO, *A Vida Depois da Morte: A Questão da Sobrevivência à Morte Corpórea*, p. 78.
- 39 N.T.: Fibrilação ventricular: um tipo de arritmia cardíaca. Acontece quando não existe sincronicidade na contração das fibras musculares cardíacas (miocárdio) dos ventrículos. Desta maneira não existe uma contração efetiva, levando a uma conseqüente parada cardiorrespiratória e circulatória. (N.A.)
- 40 N.T.: Unidade de medida de energia do sistema internacional, derivada do nome do físico inglês James Prescott Joule. (N.E.)
- 41 N.T.: SABOM, Michael. *Light & death*. Grand Rapids, USA: Zondervan, 1998.
- 42 SERRANO, *Nos Portais do Além: a Ciência e as Mais Extraordinárias experiências de Quase-Morte, Comprovando que há Vida Após a Morte*, p. 64-70.
- 43 WIKIPÉDIA, *Stanislav Grof*, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Stanislav_Grof
- 44 GROF, *A sobrevivência depois da morte: observações a partir de modernas pesquisas sobre a consciência*, in: *Relatos Verídicos. Experiência quase-morte*, p. 33-34.
- 45 LOEFFLER, *Fundamentação da Ciência Espírita*, p. 155.
- 46 BERMAN, *Experiências de Quase-Morte e o Dom da Vida*, p. 46.
- 47 Imagem ilustrativa de necrotério, disponível em: <https://thumbs.dreamstime.com/b/homem-na-morgue-136179523.jpg>.
- 48 BERMAN, *Experiências de Quase-morte e o Dom da Vida*, p. 49-52
- 49 ATWATER, *Muito Além da Luz*, p. 104.

- 50 ATWATER, *Muito Além da Luz*, p. 105.
- 51 Este artigo foi publicado em: *Jornal Espírita nº 339*, com o título “EQM e a sobrevivência do Espírito”. São Paulo: FEESP, novembro/2003, pág. 11 e na revista *Espiritismo & Ciência Especial*. São Paulo: Mythos Editora, ago/2017, p. 50-53.
- 52 SILVA NETO SOBRINHO, *EQM é a prova da sobrevivência do Espírito*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/339-eqm-e-sobrevivencia-do-esprito>
- 53 Imagem ilustrativa, dentadura, disponível em: https://static.tuasaude.com/media/article/bz/tn/como-limpar-a-dentadura_38737.jpg
- 54 VAN LOMMEL, *Sobre a continuidade da nossa consciência*. In: DOMINGOS, DIAS e LOUÇÃO. *Relatos Verídicos: Experiência de Quase-morte*, p. 210-211.
- 55 WEISS, *Muitas Vidas, Uma Só Alma*, p. 14-15.
- 56 FLAMMARION, *As Forças Naturais Desconhecidas*, p. 36.
- 57 GREAVES, *Além do Véu da Morte*, p. 74-79.
- 58 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 15.
- 59 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 37-38.
- 60 DOMINGOS, DIAS e LOUÇÃO, *Relatos verídicos. Experiências de Quase-morte*, p. 97.
- 61 DOMINGOS, DIAS e LOUÇÃO, *Relatos verídicos. Experiências de Quase-morte*, p 98-100.
- 62 DOMINGOS, DIAS e LOUÇÃO, *Relatos verídicos. Experiências de Quase-morte*, p 98.
- 63 PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA, *Carl Gustav Jung* (imagem), disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2011/06/jung.jpg>

- 64 INFOESCOLA, *Carl G. Jung*, por Paula Farias Akkari, disponível em:
<https://www.infoescola.com/psicologia/carl-gustav-jung/>
- 65 N.T.: Basileus – Rei. Cos era um lugar famoso na Antiguidade, por causa do templo de Esculápio. Lá nasceu Hipócrates. (séc. V a.C.)
- 66 JUNG, *Memórias, Sonhos, Reflexões*, p. 253-256.
- 67 WIKIPÉDIA, *Melvin Morse*, disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Melvin_L._Morse
- 68 MORSE e PERRY, *Do Outro Lado da Vida*, p. 87.
- 69 SEXTANTE, *Eben Alexander III*, disponível em:
<https://sextante.com.br/autores/eben-alexander-iii/>
- 70 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 15-16.
- 71 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 47.
- 72 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 84.
- 73 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 125.
- 74 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 125.
- 75 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 127-128.
- 76 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 15.
- 77 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 16.
- 78 WIKIPÉDIA (EN), *Eben Alexander*, disponível em:
[https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_\(author\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_(author))
- 79 MOODY JR., *A Vida Depois da Vida*, p. 107.
- 80 VAN LOMMEL, *Sobre a continuidade da nossa consciência*. In DOMINGOS; DIAS; LOUÇÃO, *Relatos Verídicos. Experiências de Quase-morte*, p. 201.
- 81 DOMINGOS; DIAS; LOUÇÃO, *Relatos Verídicos. Experiência quase-morte*, p. 97, 167, 180 e 182.
- 82 WOOK, *Sam Parnia*, disponível em:
<http://www.wook.pt/authors/detail/id/48372>

- 83 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 106.
- 84 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 110.
- 85 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 165-166.
- 86 PARNIA, *O Que Acontece Quando Morremos*, p. 188.
- 87 AWARE – Applied Network on Automotive Research and Education. O projeto Aware possui a colaboração de 25 centros de pesquisa espalhados pela Europa, Estados Unidos e Canadá, sendo a UFJF a única entidade participante do grupo fora da Europa e da América do Norte.
- 88 NALON, *Estudo inédito no país avalia relatos de quase-morte*, in. *Revista 03*, p. 50.
- 89 NALON, *Estudo inédito no país avalia relatos de quase-morte*, in. *Revista 03*, p. 51.
- 90 HAGAN III, *A Ciência das Experiências de Quase-morte* – contra-capa e ECCLESIAE, John C. Hagan III, disponível em: https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=5860
- 91 N.T.: Van Lommel, P. (2011), Near-death experiences: The experience of the self as real and not as an illusion, *Annals of the New York Academy of the Sciences*, 1234, 19-28.
- 92 N.T.: Holden, J. M., Greyson, B., & James, D. (Eds). (2009). *The Handbook of near-death experiences: Thirty years of investigation*. Santa Barbara, CA: Praeger/ABC-CLIO.
- 93 N.T.: VAN Lommel W, Van Wees R. Meyers V, Elfferich I. Near-death experience in survivors of cardiac arrest: a prospective study in the Netherlands. *Lancet* 2001; 358:2039-2045.
- 94 VAN LOMMEL, *Sobre a continuidade da nossa consciência*. In: DOMINGOS, DIAS e LOUÇÃO. *Relatos Verídicos: Experiência de Quase-morte*, p. 205-206.

- 95 CARUNCHIO, *EQM perturbadora, saúde mental e a espiritualidade do paciente: analisando relatos de brasileiros*, in. REVER - v. 20, nº 2, mai/ago/2020, p. 176.
- 96 CARUNCHIO, *EQM perturbadora, saúde mental e a espiritualidade do paciente: analisando relatos de brasileiros*, in. REVER - v. 20, nº 2, mai/ago/2020, p. 180-181.
- 97 SERRANO, *Os que voltaram para contar*, p. 99.
- 98 Obras da Codificação:
https://static.wixstatic.com/media/24b65b_c4c29ae0f1f345bda87b0da3e08889ce~mv2.jpg/v1/fill/w_350,h_350,al_c,q_90/24b65b_c4c29ae0f1f345bda87b0da3e08889ce~mv2.jpg.
- 99 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 104-105.
- 100 Complexo humano, disponível em:
<https://player.slideplayer.com.br/12/4008603/data/images/img8.jpg>
- 101 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 30.
- 102 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Primeira Parte, cap. II, item 7, p. 21.
- 103 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 89-a, p. 86.
- 104 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 835, p. 360.
- 105 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Primeira Parte, cap. IV, item 51, p. 58.
- 106 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, cap. IV, item 76, p. 83.
- 107 KARDEC, *A Gênese*, cap. I, item 18, p. 22.
- 108 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, item 1, p. 176.
- 109 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, item 6, p. 177.

- 110 WAGNER, *Desdobramento de Castro* (adaptada), disponível em:
https://slideplayer.com.br/12792193/77/images/slide_1.jpg
- 111 CORDÃO DE PRATA:
<http://www.verdadeluz.com.br/wp-content/uploads/2016/03/sono-despreendimento.jpg>.
- 112 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*, p. 24.
- 113 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 244.
- 114 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 243-250.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 255-256.
- 116 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 256-259.
- 117 N.T.: *Anestésie*, suspensão da sensibilidade: do grego, a. *privação*, e *aisthauomai*.
- 118 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 219-221.
- 119 KARDEC, *A Gênese*, p. 250-251.
- 120 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 215-216.
- 121 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 314.
- 122 KARDEC, *A Gênese*, p. 247.
- 123 ANDRADE, *Morte: Uma Luz no Fim do Túnel (Evidências da Sobrevivência Após a Morte)*, p. 49.
- 124 MOODY JR., *Reflexões Sobre a Vida Depois da Vida*, p. 28.
- 125 MOODY JR., *Reflexões Sobre a Vida Depois da Vida*, p. 30.
- 126 GALILEU (revisita), *O que ocorre na ante-sala da morte*, tópico: “EQM – Os relatos se repetem”, disponível em:
<https://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT483439-1940-1,00.html>

- 127 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 50.
- 128 ANDRADE, *Morte, Nascimento, Evolução: Uma Biologia Transcendental*, p. 88.